

Wilkler Almeida

DE VOLTA AO PORÃO

Estigmas dos Anos de Chumbo

Romance

2014

Agradecimentos

Meu cordial obrigado a todos que, mesmo involuntariamente, contribuíram para o desfecho desta instigante invenção literária, que tomou meu raciocínio em horas incontáveis debruçado sobre a temática pesquisada.

Sou especialmente grato pela sinceridade dos primeiros leitores e ouvintes do conteúdo deste trabalho: Prof. José Ildone (da Academia Paraense de Letras), Roseli Assunção, Prof^a. Jordana Neves, Prof^a. Vanessa Pinheiro, Steffany Luz, Paulo Afonso Martins, Tiago Palheta, Amazo Alcântara, Prof. Marcos, Prof. Agostin Camacho e outros a quem expus minhas ideias e recebi sugestões e até discordâncias, que valeram para se obter um resultado mais consistente.

Agradeço também aos que me orientaram e acrescentaram informações: Dra. Amanda Moura, por seus conhecimentos em medicina; Gilvandro Monteiro, Raul Lobo, pela colaboração através de dados sobre a região do Araguaia.

Não posso deixar de me desculpar com os que convivem estreitamente comigo, pessoal ou profissionalmente, e que tiveram que suportar minhas ânsias e exageros durante o processo de criação. Espero que a Menção honrosa conferida a esta obra lhes dê compreensão sobre estes comportamentos, que nada mais são do que uma busca constante pelo sonho de ser cada vez melhor naquilo que se ama fazer.

Apresentação

Este livro nos fala de tormentos, esperança e bonança. É o entrelaçamento de histórias e sequelas que perduram sobre pelo menos quatro gerações subsequentes à época dos governos militares no Brasil. São vidas direta e indiretamente afetadas pelas ações repressivas do Estado sobre o meio social civil, no período de vinte e um anos de ditadura, instaurada inconstitucionalmente a partir de 1964.

A narrativa encontra-se dividida em duas fases, relatando tempos diferentes, onde os personagens são inspirados em vivências, baseados em memórias e casos reais.

Vale lembrar que, embora sendo uma obra de ficção, a trama é inserida em episódios históricos, enfatizando importantes revoltas populares desencadeadas no auge dos “anos de chumbo”, principalmente nos Estados de São Paulo e do Pará, tendo este como caso de maior relevância a Guerrilha do Araguaia, cenário dramático da atuação revolucionária comunista nacional, onde ocorreram situações de violência extrema e atos perturbadores de desumanidade, havendo descrições de lugares e procedimentos que correspondem à realidade vivida sob a mão de ferro da ditadura, sem exagero ou sensacionalismo, pois seguem uma linha de coerência com relatos de entrevistados e com a pesquisa bibliográfica e virtual realizada pelo autor.

Nota

A Guerrilha do Araguaia ocorreu principalmente na região conhecida como “Bico do Papagaio”, que abrange o sudeste do Pará, terras do Maranhão e norte de Goiás (que hoje corresponde ao Estado do Tocantins), nas imediações do Rio Araguaia.



Fonte: r7.com

Entre meados de 1960, chegaram os primeiros comunistas, liderados pelo ex-lutador de boxe, carioca, Osvaldo Orlando da Costa, o mítico Osvaldão, homem negro e musculoso, de 1,98m de altura, morto a tiro por um guia do mato que colaborava com o Exército, em 1974. Segundo relatos, sua cabeça foi arrancada e seu corpo pendurado pelos pés numa corda amarrada ao helicóptero, que sobrevoou a floresta para aterrorizar os guerrilheiros embrenhados e moradores locais simpatizantes dos rebeldes.



Osvaldão (Fonte: Wikipédia)



Moradores do Araquaiá abordados em operação do Exército (Fonte: O Globo)

A ação competia ao resultado das etapas de espionagem e identificação dos guerrilheiros – mulheres e homens com treinamentos táticos recebidos em outros países – quando os militares se espalharam por pontos estratégicos. Tinham como principais polos as cidades de Marabá, São Geraldo do Araguaia e Xambioá, onde instalavam bases e cumpriam ordens decretadas para eliminar a resistência sem deixar vestígios, ou seja, torturar, matar, degolar e esconder corpos, como ocorreu também em outros cenários do território nacional.

Depois de investidas iniciais mal sucedidas, o CIE organizou uma operação preliminar, denominada “Sucuri”, agindo como uma serpente traíçoeira, com agentes disfarçados se misturando à população local e se infiltrando entre os comunistas, para se interar dos planos e ações de combate. Eram os espiões da ditadura.

Logo, entraria em cena a nova operação, a “Marajoara”, cuja missão era exterminar a qualquer custo. Para tanto, o exército contou com a colaboração de civis, subornados ou obrigados.



Guerrilheiros mortos

(Fonte: O Globo)

Prólogo

Fase 1

24 de outubro de 1973

Aquele lugar era hostil, selvagem. Da vegetação espinhenta da várzea, os galhos e cipós retorcidos pareciam tentáculos e serpentes traiçoeiras. Correr se tornara difícil: os pés afundavam, o cansaço abatia. Acima, a folhagem chapada das árvores peneirava a claridade do céu chuvoso. Ao redor, um emaranhado de raízes. A audição afluía a tal ponto que qualquer vento causava sobressalto. A escuridão da floresta úmida impunha medo e tragava a perspectiva de qualquer ser que por ali passasse.

Mas nada era tão desesperador quanto a cena ali à frente.

Horas atrás o esconderijo havia sido descoberto. A porta fora arrombada a chutes de robustas botas pretas, pegando-os de surpresa.

Correria...

Tiros ecoaram em meio ao chiado da tempestade. Corpos esburacados foram se esparramando no lamaçal. Quem conseguiu escapar agora se enveredava na mata fechada em direção incerta, numa luta alucinada pela vida.

Estado de guerra. Os invasores seguiam ordens de extermínio.

Já sem forças e com espinhos fincados nos pés, o jovem fugitivo caiu exausto, trêmulo. Há pouco, na fuga do esconderijo, havia sacado o 38 e descarregado a esmo contra os inimigos, alvejando um deles no pescoço.

Com as roupas encharcadas, ele rastejava entre as raízes da margem pantanosa de um córrego. O companheiro desistira de correr, por causa da bala cravada no pulmão, tirando-lhe o ar e a esperança.

– Fuja! Salve-se! – Despediu-se, cambaleante – Proteja minha filha!

Dali, o jovem assistia inerte à imobilização descomunal do companheiro ferido que fora alcançado, a cerca de trinta metros, sendo cercado pelos algozes fardados. Davam-lhe o tratamento de um animal para o abate, já definhando com o tiro que tomara pelas costas. Aos poucos, aquele cenário marrom-esverdeado era manchado pelo vermelho que respingava e escorria sinuoso, dissolvendo-se na terra molhada. Mas a impotência não dava ao jovem alternativa para intervir. Era um guerrilheiro sem balas. Precisava ser apenas um homem-raiz.

A tortura prosseguia: palavrões, puxões de cabelos, tapas, murros, chutes, cassetadas... Tentavam arrancar a identidade do líder.

– Quem é ele? Quem é ele? – Esbravejava um dos carrascos com o cano do fuzil apontado para a cara da vítima. O refém respondeu com uma nojenta cusparada de sangue, com o que ainda lhe restava de força.

Às vezes grito, às vezes gemido, às vezes fúria. O homem torturado era um ferrenho opositor, fiel ao líder. *Antes a morte do que ceder aos covardes!* Nunca uma bala na testa foi tão exigida. Porém, recebia um punhado de barro na boca.

Agora, o vozerio nervoso anunciava a chegada de mais gente. Mais homens surgiram. Entre eles um que usava capa de chuva e estava encapuzado. Mas algo parecia errado. O ofegante homem-raiz franziu o cenho, estreitando os olhos.

O encapuzado não agia como um refém e, sim, como um cúmplice, mas não sendo possível identificá-lo.

Não pode ser! O jovem, estático, mentalizava, incrédulo. *Um cachorro traidor!*

Os carrascos abriram caminho para o informante, após receber um fuzil. Com frieza maquiavélica, ele se agachou para sussurrar algo ao ouvido da vítima castigada, que quase se afogou com o próprio sangue, chocada, ao reconhecer a voz diabólica do traidor.

– Não! Minha filha não! – O agonizante suplicou. – Ela não sabe de nada!

O homem de capuz se levantou e, sem cerimônia, engatilhou a arma apontando para baixo, sendo acompanhado pelos demais.

Ah, meus Deus! Não!

O homem-raiz, aflito, virou o rosto, fechando os olhos e levando as mãos aos ouvidos, esforçando-se para abafar os soluços.

De repente, uma sequência de disparos estremeceu a floresta.

– **Temos que fugir!** Eles vêm atrás de nós!

Catarina, ainda sob o efeito do choque, não conseguia pensar.

O rapaz, que verbalizava afoito o convite, estava em farrapos, abatido, com os pés machucados, queimado de sol e visivelmente transtornado.

A chegada dele foi inesperada.

Naquela noite sombria, Belém do Pará estava calada. Afinal, não era prudente transitar tão tarde pelas ruas da cidade. Eram tempos de tirania, sem liberdades. Comportamentos não convencionais representavam motivos para suspeitas e abordagens grosseiras. Mas uma silhueta ameaçadora por trás da vidraça insistia em bater à porta. Na residência havia duas mulheres assustadas.

– Quem é? – Esbravejou Ádna, a dona da casa, com o coração aos pulsos.

– Soy Yo, Arthur! – Ouviu de resposta, com sotaque castelhano.

– *Arthur!* – Exaltou-se a jovem Catarina, correndo para recebê-lo. Arregalou os olhos ao se deparar com o estado lastimável em que ele se encontrava.

Arthur nem aparentava seus 28 anos. Maltrapilho e com a barba por fazer. Tinha enfrentado uma jornada difícil, percorrendo longas distâncias a pé, como um animal caçado, pela selva. E ainda suportou o desconforto de viajar escondido entre toras de madeira, transportadas num caminhão caindo aos pedaços. Precisava ir ao encontro de Catarina.

Ele entrou, alvoroçado, indo direto para os braços dela.

No ato, ela notou a situação alarmante.

– Cadê meu pai?

Ádna sobressaltou-se com o nervosismo dele.

– O que aconteceu? Cadê o Armando?

Ele engoliu em seco.

Catarina pressentiu a gravidade.

– Arthur... Diga logo! Cadê o meu pai? – Insistiu, temerosa.

Ele a encarou seriamente. Os lábios tremiam.

Catarina sacudiu a cabeça com os olhos marejados, como se estivesse implorando para não ouvir a notícia evidenciada na expressão do rapaz.

Os dois se abraçaram.

A senhora se aproximou, amparando a jovem, passando a mão em sua costa.

– Foi uma emboscada! – Justificou ele. – Fomos traídos! Há um espião entre nós! Eu o vi, mas estava mascarado.

– Mataram meu pai, não foi? – Catarina perguntou, com a voz embargada.

O rapaz confirmou com a cabeça.

Ádna pressentiu o perigo se aproximando. Mais do que nunca, achava-se no dever de proteger Catarina, para que, assim, pudesse se redimir com o próprio passado.

– E o Salomão? O que houve com ele? – Inquiriu Catarina.

– Nem conseguiu correr. Acho que também foi morto! – Arthur respondeu.

– *Meu Deus!* Eu pedi tanto que vocês não fossem para lá. – Dizia, aflita – Eu sabia que era perigoso. Os guerrilheiros não têm chance. O Exército invadiu o Araguaia, matando a todos!

– Sinto muito. – Ele assentiu - Não sei o que dizer...

– E agora? O que faremos?

– Uma coisa é certa: – reiterou Arthur – o que eles querem é descobrir a identidade do “Samango”.

Ádna levou a mão ao peito, em sinal de preocupação. *Isso não!* Pensou. *Preciso contar a verdade a ela!*

– Assim como eu, – continuou Arthur – Catarina está na mira deles, pois acham que ela conhece o líder. E se há um informante entre eles, já devem saber que ela está aqui. Por isso, temos que fugir!

2

A algumas centenas de quilômetros dali, numa zona de divisa estadual, no sudeste do Pará, um homem magro e faminto tremia de frio e dor no cárcere onde era mantido; estava deitado, encolhido, nu, na escuridão de um profundo buraco cavado no chão da floresta, com a abertura bloqueada por uma grade de vergalhões enferrujados. O corpo doía por inteiro. Tinha sido surrado a golpes de cassetetes, mesmo depois de baleado na panturrilha esquerda, cujo ferimento latejava com o avanço da infecção.

– *Deixem ele vivo! Vão atrás dos outros!* – Foi o que ouviu ao ser pego, depois que o tiro o derrubou numa poça d'água.

Seu nome era Francisco Farias, um caboclo mateiro, agricultor, morador local.

Como se não bastasse o sofrimento físico, ainda estava abalado pela barbárie que foi forçado a cometer, sendo esse o primeiro ato da árdua penitência, por ter se aliado aos guerrilheiros.

Os militares chegaram até ele seguindo a denúncia do informante, que estava infiltrado entre os comunistas, a serviço do Centro de Informações do Exército, o CIE.

Combinada a emboscada, aproveitaram a chuva para executar a operação de invadir o casebre da propriedade rural, onde Farias se reunia com três homens: o articulador comunista Armando Veiga, acompanhado do amigo Salomão Weber e do jovem uruguaio Arthur Navarro, que tinham chegado havia dois dias, trazendo um pequeno carregamento clandestino de armas – desde desgastados revólveres de baixo e médio calibre a mosquetões *M968* – cujo material fora extraviado de depósitos de apreensão da Polícia Federal, destinado a reforçar o movimento de guerrilha antiditadura, organizado pelos radicais comunistas fixados na região.

Muitos consideravam aquele um sonho utópico, insano, dos que almejavam avançar a partir das selvas do Araguaia para os centros urbanos, angariando adeptos. A finalidade era derrubar o poderio militar que depusera o presidente João Goulart, para impor um regime de caráter autoritário e terrorista. Os que se agregavam à guerrilha se espelhavam nos exemplos de nações como Cuba e a China, onde a revolução havia instaurado o Comunismo, verdadeira ameaça para os militares.

Farias aderiu à causa e se tornou um colaborador, cedendo a humilde casa de taipa e cobertura de palha, onde morava só, como abrigo para guerrilheiros e esconderijo para armamentos.

A invasão foi brutal. No susto, só restava pular as janelas e correr para a mata, porém ele não conseguiu ir longe. Foi alvejado. Do chão lamacento, antes de desmaiar, teve a visão nublada de Arthur sacando a arma e disparando contra os soldados enquanto corria, atingindo um deles fatalmente no pescoço, fugindo para a floresta em seguida com Armando, tendo os *homens*, alguns fardados e outros à paisana, no encalço deles. Salomão deveria ter sido morto ainda dentro da casa.

Já na prisão, Farias acordou incomodado pelas moscas em frenesi sobre as placas de sangue endurecido, em torno da ferida aberta por uma bala na perna. Então se deu conta de que não despertara de um pesadelo, mas estava vivendo um. Sentia sede, muita sede. A água da chuva acumulada em pequenos buracos no chão parecia um oásis, que ele sugava, embora enjoado, comparando-se a um porco focinhando a lama.

Logo, foi trazido até ele o cadáver de um dos fugitivos apanhados: Armando Veiga, torturado e fuzilado por iniciativa do misterioso informante. A obrigação do debilitado prisioneiro era decapitá-lo e enterrar as partes em locais separados.

Farias sentia ânsia de vômito. Ainda era nítida a imagem da cabeça de Armando que, coagido, decepara. O sangue do amigo ainda estava entranhado nas unhas.

Via-se no inferno. Desejava desmaiar de novo.

De repente, assustou-se com o barulho de uma nova visita: dois soldados chegavam para desobstruir a cela cavernosa. Farias preferia ter sido esquecido ali.

- Vamos terminar o trabalho! – Disse um deles, irônico, enquanto o outro lhe oferecia uma pá.

Num brejo afastado da base, mancando, sob a mira dos fuzis, estocaram suas costas e o fizeram parar.

- Comece a cavar!

Feito um escravo sob o chicote do feitor, ele passou intermináveis quinze minutos abrindo uma cova rasa no solo barrento.

- Já está bom! – Ordenou o mais truculento. – Agora vire-se para lá e ajoelhe!

As pernas do refém bambeavam. A dor era lancinante. Ele fechou os olhos com força e contraiu todos os músculos do corpo.

Ouviu o som metálico do gatilho. Tentava enxergar dentro de si a face de Deus. *A luta continua!*

Subitamente, um estrondo... uma pontada quente na nuca... choque... gosto de sangue... Olhos arregalados. A última visão: um buraco escuro ficando cada vez mais perto, até que o rosto se espatifou contra o chão, e tudo enegreceu para sempre.

Catarina não tinha rumo, estava fragilizada e aturdida, como folha seca suspensa no redemoinho. A repressão fizera dela uma órfã de pai e mãe.

Aos 19 anos, as aspirações juvenis se retraíam como flores murchadas, cujas pétalas se soltavam e se perdiam no soprar infértil da obscuridade do amanhã. As únicas pessoas com quem poderia contar eram uma idosa que mal conhecia e um jovem insurgente das matas do Araguaia.

Nada mais restava a ela senão apoiar-se naquelas pessoas e começar a idealizar um futuro com Arthur, por quem experimentava sentimentos jamais imaginados.

A paixão por ele era imensurável. Os ardentes encontros, cada vez mais frequentes, às escondidas, na privacidade do porão existente sob o celeiro do sítio onde morava, despertaram nela o verdadeiro amor sentido na alma, e as libidinosas iniciações sentidas no corpo.

Catarina estava entregue às incertezas do destino...

O instinto lhe impulsionava a agarrar a mão daquele jovem uruguaio e segui-lo aonde quer que o vento soprasse. Embora profundamente abatida, tinha que se apegar à perseverança. *Preciso ser forte!* Seu desejo era deixar tudo para trás e renascer para uma nova vida.

Até então, sua trajetória se resumia a uma sina de perseguições e tragédias. *Mal ela sabia que ainda teria muito o que enfrentar.* Sentia saudades de quando a vida era aparentemente normal, até o momento em que se tornou constante o termo “ditadura”. A repressão e as censuras dos órgãos governistas iam de encontro às convicções políticas dos pais, que militavam nos movimentos de resistência.

Nada era mais nostálgico do que recordar a infância e os finais de semana no verdejante sítio da família, um refúgio situado no interior de São Paulo, às proximidades de uma rodovia que seguia rumo a Minas Gerais.

Aquele lugar cheirava a antiguidade; a propriedade era remanescente de uma pequena fazenda da década de 1920, que o pai havia herdado. O ambiente marcou a meninice de Catarina, e era sua residência ultimamente. Doces lembranças... da velha casa avarandada, com portas altas de madeira maciça, arcadas de colunas e paredes grossas, erguidas sobre um rudimentar alicerce de pedras aparentes; dos vastos jardins; do frondoso jambeiro que soltava as flores e formava, sobre o gramado, um deslumbrante tapete cor-de-rosa; do cheiro de mato; do celeiro e até do porão, que havia lá...

Certa ocasião, depois do misterioso desaparecimento da mãe, o sítio serviu de ponto de encontro para reuniões secretas que ocorriam sob a articulação do pai, Armando Veiga. Mas Catarina mantinha-se alheia aos assuntos debatidos ali, exceto pela presença de um rapaz que falava com sotaque espanhol, pele bronzeada, olhar penetrante e sobrancelhas bem delineadas: *Arthur*.

- - -

Passado o impacto, mas não a dor, pela morte de Armando, vinha à tona todo o sofrimento deflagrado por circunstâncias do sumiço da mãe, a professora universitária Alice Lehart, durante confrontos entre as forças oficiais e estudantes nas ruas de São Paulo, em protesto contra o Ato Institucional número 5, publicado no final de 1968. O episódio alimentara ainda mais o ódio de Armando, que acusava membros do governo de tê-la sequestrado. E dela não se teve mais notícia, nem do que realmente aconteceu. Sabia-se apenas que no momento da captura, ela estava em companhia de uma aluna, de origem estrangeira, e as duas foram levadas no porta-malas de um carro escuro.

Catarina fechou os olhos. *Minha mãe se foi sem ter conseguido conhecer a minha avó, o que mais queria na vida. Lamentava-se. E meu pai, nunca descobriu o paradeiro da minha mãe...* Ela respirou fundo, tomando forças para ignorar os traumas e se focar no futuro.

– Vamos voltar a São Paulo! Lá podemos conseguir ajuda. – Arthur sugeriu, despertando Catarina de suas divagações.

– De que jeito? – Ela indagou – Os militares devem estar pelas estradas.

Ádna resolveu intervir:

– É arriscado! Devem ficar longe de toda essa confusão, pelo menos até as coisas se acalmarem. Lembrem-se de que estão sendo procurados! Além disso, têm coisas que vocês precisam saber, principalmente você, Catarina.

– Mas não temos para onde ir. – O rapaz retrucou.

– Saber o quê? – Catarina questionou, intrigada.

Ádna se aproximou dela, com um olhar afável.

– Meu anjo, tem tanta coisa que você e eu precisamos conversar... Mas no momento certo. – Catarina estranhou. A mulher prosseguiu: – Acho que chegou a hora de abandonarmos a luta e irmos para longe daqui antes que nos achem! Podemos começar uma vida nova, num outro lugar.

– A senhora quer dizer: viver na clandestinidade? Como ratos? – Protestou Arthur.

– Estou falando de salvar a pele e serem felizes longe de tudo. Eu sei que estão apaixonados! – Os dois se entreolharam – Por que não vivem de verdade esse sentimento? Sabem que, se forem pegos, podem não sair vivos. O terror está rondando. – E concluiu: – Arthur, o que você acha de voltar ao seu país, com Catarina?

Já tinha passado pela mente de Arthur aquela possibilidade. Mas ele tinha razões próprias para manter-se na luta. Um objetivo pessoal. Envolver-se entre os comunistas, conquistando confiança, era uma chance de chegar aonde queria.

– Não é tão simples assim. – Ele respondeu.

– Falo por mim também, – retomou a mulher - pois acredito que o traidor deva saber sobre os meus feitos em apoio aos combatentes do Araguaia. Eu já não tenho a mesma vitalidade que vocês. Tenho que me exilar, para sobreviver o resto dos meus dias em paz!

- - -

Ádna tinha se envolvido demais.

Uma viúva de 66 anos, com motivos de sobra para odiar a tirania militar. Primeiro, pelo falecido marido, que, por razões de cunho político, fora escorraçado do emprego, sem direitos trabalhistas, onde ocupava um cargo público há mais de duas décadas, vindo a se tornar um enturmado em rodas de alcoólatras desleixados, acabando por se acidentar fatalmente ao cair, bêbado, nas águas da Baía de Guajará.

Mas logo ela teria outra experiência que a deixaria igualmente abalada, e teria sido esse o estopim para que ela e o filho, residente em São Paulo, declarassem guerra, embora silenciosa, contra o terrorismo do Estado. Essa guerra envolvia diretamente a família da jovem e sofrida Catarina. Portanto, ampará-la naquele momento seria uma forma de Ádna se redimir do arrependimento pelo ato infeliz que cometera no passado.

Ela achou que estava na hora de voltar a sua terra natal.

4

A caminho dali, com o céu começando a clarear, uma guarnição do Exército percorria as ruas de Belém, a bordo de um jipe verde musgo *CJ3B*, com motor *Hurricane* 4 cilindros, cumprindo uma operação de busca, ainda que não houvesse nenhum mandado judicial.

Segundo o informante, aquela seria a provável localização do fugitivo que escapou do cerco no Araguaia, pois ali se encontrava a “namoradinha” dele, aos cuidados de uma senhora conivente com os comunistas.

- - -

As quatro pessoas que Ádna havia acolhido nos últimos dias estavam ligadas a um grupo de resistência formado em São Paulo, alvo de investigações da inteligência militar. A casa dela, na periferia de Belém, seria uma hospedagem temporária para os refugiados, que objetivavam seguir à região do Rio Araguaia, onde levariam apoio à guerrilha do PCdoB contra a Ditadura, fornecendo armas e munições, enviadas do interior paulista no mesmo avião bimotor em que fugiram com a ajuda do misterioso líder, a quem se referiam sempre pelo codinome de “Samango”. Ele também estava por trás de outras organizações conspiratórias na região sudeste brasileira.

Ádna recebera Armando Veiga e a filha dele, Catarina, além de Salomão e do jovem Arthur, tendo sido avisada previamente pelo líder, por telefone. O líder – ou Samango – era o filho dela, cuja identidade oficial mantinha-se criteriosamente preservada. Entre os conspiradores comunistas, era conhecido apenas por Armando. Ele e o líder se tornaram amigos secretos desde a época do sequestro da professora universitária Alice Lehart.

Na chegada a Belém, Armando entregou a Ádna uma carta e um presente enviados pelo filho dela, para amenizar a saudade.

Quando os três homens partiram rumo ao Araguaia, Catarina ficou aos cuidados de Ádna, que viu nessa circunstância a oportunidade de se aproximar da jovem e se preparar para as revelações que tinha a lhe fazer.

- - -

A vizinhança ficou alarmada com o barulho de freada no asfalto e o desembarcar de soldados armados que corriam para cercar uma casa próxima. Eles chegaram à porta fechada e se anunciaram com gritos imperativos. Mandaram abrir. Ninguém respondeu. Sem muito insistir, um deles aplicou um violento chute na porta, que se abriu estilhaçando as vidraças. A casa foi invadida. Porém estava deserta. Gavetas e armários foram vasculhados, sendo encontrada uma carta esquecida, originada de São Paulo e destinada à dona da casa, dando indicações de que ela era mãe do líder, porém nada acusava a real identidade dele. Uma fotografia emoldurada de Ádna ao lado do falecido marido, que estava afixada na parede, foi confiscada por um agente.

– **O que estão olhando?** Não têm o que fazer? – Resmungou o bravo coronel em direção ao grupo de curiosos sonolentos que cochichava entre si sobre o que ocorria ali, do outro lado da rua. No mesmo instante, o grupo se dispersou.

– Ei, você! Espere aí!

O homem cabisbaixo sentiu um frio na barriga, sabendo que era com ele.

– Eu?

O militar troncado se aproximou, olhando de cima para baixo.

– Sim, rapaz! Você mesmo!

As mãos gelaram.

– P... Pois não, senhor.

– Você mora aqui ao lado?

– Sim.

– Sabe aonde foi a dona desta casa? – O coronel apontou.

Ele ficou hesitante, baixando novamente o olhar.

– Não, senhor.

Mais soldados se aproximaram.

O coronel encostou o cassetete no queixo dele, forçando-o a levantar o rosto, e o rodeou lentamente, encarando-o. O homem não sabia para onde olhar. Parecia um gato no meio da matilha de *pitbulls*. Suava frio.

– Escuta aqui: eu sei quando mentem pra mim. Se não disser o que eu quero ouvir, vai ter o que não quer!

– Eu juro que não sei, senhor.

– Ah, é? – O coronel olhou para os soldados – Vamos lá pra dentro! Veremos se ele dá alguma pista!

– Tá bom! Tá bom! – O homem se apavorou – Dona Ádna deve ter ido para a cidade de Vigia, onde moram os parentes dela.

– E tinha mais alguém com ela?

– Sim. Uma moça e um rapaz.

6

Era década de 1970. Vigia: um lugar calmo, ruas estreitas, pouco movimento, ares litorâneos, com densa vegetação circundante e incontáveis casarões seculares. Os alicerces das tradições populares estavam fincados ali desde os primórdios da colonização amazônica. Contudo, os traços rurais eram bem evidentes no cotidiano urbano da população humilde, que girava em torno da atividade pesqueira e da produção agrícola de subsistência. A estrada de piçarra, partindo de Santa Izabel do Pará, apresentava-se em estado precário, tendo fluxo mínimo de veículos. O transporte público terrestre era geralmente realizado através de uma pequena frota de ônibus antigos ou caminhões apelidados de “pau-de-arara”, com carroceria de madeira, bancos adaptados e cobertura de lona.

Vigia, anos 70 (Arquivo)



A viagem foi desconfortável. Enquanto Arthur procurava de algum modo se aconchegar no acento duro, Catarina tinha crises de enjoo, ensimesmada, cogitando sobre o que Ádna teria a lhe dizer.

O dia estava clareando quando o trio desembarcou em solo vigilengo. A saída de Belém, feita às pressas, não ofertou tempo para arrumar bagagens. *Droga! Esqueci a carta!* Pensou Ádna. Ambos estavam cientes de que Vigia não era o lugar ideal para se esconderem. Corriam o risco de serem localizados. Os militares poderiam seguir os rastros de Ádna, visando chegar ao nome do líder, do qual se suspeitava ser um membro das forças armadas colaborando com os comunistas, ou seja, um infiltrado.

Arthur também não tinha a intenção de ficar ali.

– Precisamos ir para mais longe! Estamos isolados! – Ele argumentava.

De repente, Ádna teve uma ideia.

7

Na pacata cidade da Vigia, um ser diferente era notado entre os transeuntes da matina: o andarilho, de cabelos emaranhados, descalço, com tatuagens, brincos de osso e acessórios artesanais decorando o corpo, levando um modesto mostruário, vagava solitário pelas ruas. O clima esquentou demais e ele teve que se abrigar à sombra das árvores de uma praça, descansando na grama, fumando um cigarro, enquanto olhava para um pedaço de papel cartonado com uma das bordas rasgadas. Era o tipo de figura que logo taxavam como *hippie*. Dois garotos curiosos pararam, atraídos pelas pulseiras e colares feitos com dentes de animais, sementes, pedras e outros materiais característicos daquela cultura

alternativa. Eles ficaram ali por algum tempo, tateando as bijuterias e fazendo infundáveis perguntas, deixando o *hippie* impaciente.

Só me faltava essa! Resmungou em pensamento.

Procurando se livrar da situação, ele resolveu interrompê-los, mostrando uma fotografia.

– Conhecem esta mulher?

Os garotos olharam, olharam, até que um deles falou:

– É a dona Ádna!

– Como?

– Dona Ádna... Ela mora em Belém, mas é daqui. Aliás, eu a vi bem cedinho, chegando com duas pessoas na casa da irmã dela.

– E você pode me mostrar onde é a casa da irmã dela?

O menino hesitou.

– Mas o que você está fazendo com a foto dela?

– É que... ela e minha mãe são muito amigas. Mas minha mãe está muito doente e quero dar a notícia a ela. – Foi o que conseguiu improvisar.

– Ah... Venha! Eu lhe mostro.

No mesmo instante, o homem se levantou e seguiu com os olhos a direção em que o inocente menino apontava, descrevendo uma casa ao longe. Ele agradeceu e presenteou os dois, dando-lhes o mostruário inteiro. Os garotos estranharam, mas ficaram irradiantes. Logo, um *Chevette* cor de caramelo, com dois estranhos, passou por eles devagar e, mantendo distância, foi para o mesmo rumo que o *hippie* tomou.

Um casal de idosos apreensivos se encontrava junto à mesa, pronto para o almoço. O marido tinha chegado do cais, onde tomara algumas providências a pedido da esposa, que denotava preocupação. *Deus guarde minha irmã!*

De repente, alguém chamou à porta, com palmas.

Os dois se entreolharam, intrigados.

O homem se levantou e foi atender, seguido da mulher. Ambos avistaram um *hippie* através da grade.

– Pois não?

– Meu senhor, minha senhora... desculpem por incomodar a esta hora, mas se não for pedir demais, eu poderia contar com a solidariedade de vocês, me dando algo para comer?

O dono da casa coçou a cabeça.

– Aguarde um pouco. – Ele falou, carrancudo, enquanto ia à cozinha.

Momentos depois, o morador retornou à porta com um pouco de comida. Porém, não sendo possível passar o prato pela grade, teve que abrir o portão.

Subitamente, o *hippie* avançou para dentro, tirando um revólver do cós.

– O que é isso?

– Calma! Calma! Vamos entrando, sem alarde! – Outros dois homens surgiram na entrada descendo de um *Chevette*, dando cobertura ao primeiro.

– Vocês podem levar o que quiserem! Não nos machuque, por favor! – Disse a mulher, apavorada.

– Não somos ladrões, senhora! Viemos atrás da sua irmã, Ádna, e do casal que está com ela aqui nesta casa!

– Ela não está aqui! Quem são vocês, afinal? – O dono da casa implicou, nervoso.

Sentiu o peito ferver com o impacto de um tapa.

– Não tente nos enganar! – Ralhou um dos estranhos. – Estamos a serviço do Exército! – Mostrou a identificação – Se não nos disserem onde os três estão, vocês serão presos, e podem se arrepender muito por isso. Eu garanto! – Concluiu dando leves socos na palma da própria mão.

A mulher, trêmula, decidiu falar. Não tinha saída. Sabia o que aconteceria. Aliás, aquele tipo de visita já era prevista. Para ela o que importava era direcionar os homens para longe de onde Ádna estava, já que a mesma tomou um rumo diferente do jovem casal que a acompanhava desde cedo, traçando planos emergentes de fuga.

– Fugiram pelo rio!

– O quê?

– É verdade! – Interveio o marido.

Como um touro enraivado, o agente levou as duas mãos à gola de sua camisa e o imprensou na parede com uma violência desmedida, que o fez bater com a parte posterior da cabeça. Na sequência o outro se aproximou, fazendo menção de que uma sessão de espancamento seria iniciada ali mesmo. A mulher fora agarrada pelo terceiro, já em desespero.

– Vocês são comunistas?

– Não! Eu juro! – O idoso respondeu sufocado. Os músculos da face tremiam sem parar.

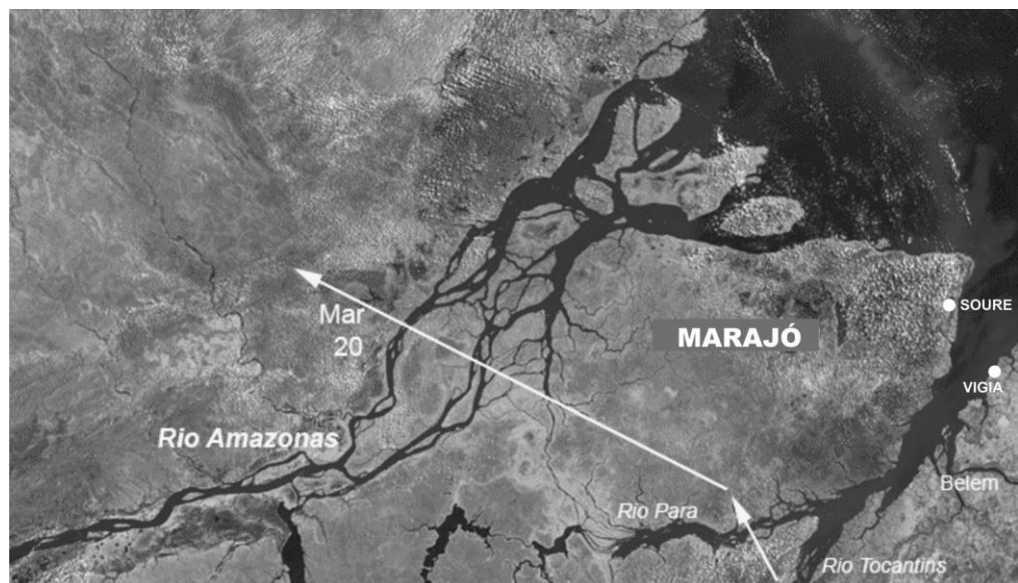
– Então seja mais claro. Onde eles estão?

Não tinha outro jeito.

- Estão a bordo do meu barco pesqueiro, rumo ao Amapá.
- Qual o nome do barco?
- *Sentinela!*

9

Arthur e Catarina avistaram da proa a fachada longínqua de uma cidade em meio ao deslumbrante visual da maior ilha do mundo.



Fonte: www.bioweb.uncc.edu

– Este é o lugar onde vocês devem ficar! – Disse o encarregado do barco *Sentinela*, que os transportou a mando do cunhado de Ádna, o qual era proprietário e natural daquele município marajoara.

A ideia era despistar os perseguidores, caso abordassem a embarcação, que de fato seguiria para a pescaria na costa do território amapaense.

Como combinado, Ádna não embarcou na viagem. Em vez disso, a conselho da irmã, despediu-se emocionada de Catarina e Arthur, tomando outro rumo, num pequeno bote, para se exilar na tranquila vila ribeirinha de Porto Salvo, uma comunidade tradicional próximo à Vigia, onde tinha amigos que a hospedariam pelo tempo que precisasse, até fixar ali sua residência.

Indiferente ao pô-pô-pô quase ensurdecedor do motor e ao cheiro de óleo diesel, Ádna lançava um olhar distante pela escotilha para as águas prateadas do Guajará-Mirim, sintonizada com os pensamentos de Catarina. Esta se comportava da mesma maneira a bordo do *Sentinela*, que cruzava a Baía de Marajó, lutando contra o mal-estar e ainda tentando digerir a conversa rápida que teve com Ádna momentos antes de partirem. As revelações a pegaram de surpresa. De repente, sua existência ganhou um novo sentido. Enquanto o vento oceânico lhe acalentava os cabelos, ela recordava cada palavra do diálogo que teve a sós com aquela mulher que surgira tão inesperadamente em sua vida.

10

– **Eu sou sua avó!**

Catarina engoliu em seco.

– Como é que é?!

– É isso mesmo! – Reforçou Ádna – Eu sou a mãe de sua mãe!

Alguns instantes silenciosos se passaram, enquanto a jovem recapitulava mentalmente tudo o que envolvia aquela história.

Ádna estava na expectativa de uma reação.

Minha avó? Catarina deixava transparecer perplexidade.

– Onde a senhora esteve todos esses anos? Minha mãe passou a vida procurando por você!

A mulher baixou o olhar, acuada.

– Querida, eu também procurava por sua mãe há muito tempo, desde que nos separamos. Infelizmente, quando localizei vocês ela já havia desaparecido. – Pausou – O fato de estarmos aqui hoje não é por acaso. Toda a situação que estamos vivendo tem a ver com o sumiço de sua mãe. É uma história complicada.

– Mas por que você se separou dela? E como nos encontrou?

Ádna procurava organizar as palavras, para melhor fazê-la entender.

– Primeiro tenho que lhe contar um pouco sobre a minha vida...

Catarina permanecia compenetrada.

– Venho de uma família pobre, daqui da Vigia. Ainda muito nova, fui para Belém, cuidar das tarefas domésticas na casa de uma família de sobrenome Lehart. Após algum tempo, eu conheci o homem que viria a ser meu marido. Ele também era de origem humilde, trabalhava no ramo da construção, como operário. Quando nos casamos, eu continuei trabalhando para os Lehart. Até que engravidei. Daí por diante a situação começou a dificultar, pois meu marido teve que ficar um tempo sem trabalho fixo, apenas fazendo “bicos”, para se dedicar aos estudos, visando conseguir algo melhor. Percebemos que iríamos ter muitos desafios para criar nossa filha, a quem demos o nome de Alice... – Suspirou.

Quando Alice nasceu, – prosseguiu Ádna – a senhora Lehart se apegou demais a ela e dava toda assistência necessária ao seu desenvolvimento. Mas... Certo dia, a família decidiu ir embora para São Paulo, porém queriam levar Alice, que já estava com seis anos.

Diante da situação financeira difícil em que eu me encontrava, embora com muita incerteza e dor no coração, entreguei a criança, convencida de que lá ela poderia ter uma perspectiva melhor do que se ficasse conosco passando dificuldades.

O problema veio depois...

– Que problema?

– Após alguns meses, meu marido foi admitido como funcionário público numa repartição federal. Finalmente teríamos condições de nos estabilizarmos e de oferecer uma vida digna para nossa filha. Então tentamos entrar em contato com os Lehart para trazer Alice de volta... Mas haviam sumido. Não atendiam nossos telefonemas, mudaram de endereço em São Paulo, desaparecendo com minha filha. Fiquei desesperada, tentando de todas as maneiras encontrá-la. Mas ela tinha sido levada de mim, tendo, inclusive, sido registrada com o sobrenome da família que a adotou. Os anos se passaram, e nada...

– Puxa! Você deve ter sofrido muito por isso! – Disse Catarina.

– Você não imagina a dor que eu senti. Desde então, o arrependimento me consumia dia e noite. Mas eu não perdia as esperanças...

– Minha mãe não lhe esqueceu. Sempre falava da senhora e desejava conhecê-la.

Ádna sorriu, confortada.

O tempo passou. – Retomou – Meu marido e eu resolvemos ter outro filho. Nasceu um menino. Ele cresceu sonhando em ser policial investigador. Dizia que um dia me ajudaria a encontrar a irmã desaparecida. E foi o que fez: quando jovem, ingressou na Polícia Federal e foi trabalhar em São Paulo para seguir carreira. Hoje ele é conhecido como Delegado Fontenelle. Através dele chegamos ao rastro da família Lehart e de Alice. Só que era tarde demais! Ela fora levada novamente. Desta vez, pela repressão da maldita ditadura, antes mesmo que pudéssemos nos conhecer... Mas... pelo menos, eu encontrei você, minha neta!

Catarina, já emocionada, levantou-se do banco e abraçou a avó.

– É uma pena termos nos conhecido no meio de tanta confusão.

– É verdade, querida, mas saiba que estou muito feliz por estar aqui com você!

Logo, as duas tiveram que se despedir e tomar embarcações diferentes. Ambas entre lágrimas e sorrisos.

– Quando tudo isso passar, você sabe onde me encontrar! – Disse Ádna – E mais uma coisa: jamais revele o nome do meu filho. Refira-se a ele apenas como seu pai se referia: Samango!

11

O Sentinela se aproximava da praia e foi possível compreender o letreiro no gramado que dizia: “*Seja bem-vindo a Soure*”. O jovem casal desembarcou no trapiche, olhando para a extensa ponte de madeira que os levaria ao lugar desconhecido. Agradeceram à tripulação do barco, que seguiu para a pescaria no Norte.



Cidade de Soure, anos 70 - Fonte: observadormarajoara.blogspot.com

Cidade simplória. Construções espaçadas. Calmaria.

Passaram em frente a uma igreja. Catarina resolveu entrar. Benzeu-se e orou em silêncio para que ali encontrassem uma boa acolhida. Tinham pouca bagagem e pouco dinheiro.

- - -

Eles poderiam se estabelecer na cidade, com a ajuda de um fazendeiro, amigo indicado pelo cunhado de Ádna, que mandou recomendações através de um bilhete. Arthur conseguiria trabalho na fazenda, que ficava nos arredores do município.

A região aparentava ser um território neutro às agitações políticas da época. O que tinham a fazer era se adaptar gradativamente à realidade local e criar perspectivas. Porém Arthur tinha dificuldades em aceitar a ideia. Não queria abandonar o objetivo que tanto perseguia; não agora que estava chegando perto. Aquele, definitivamente, não era o seu mundo.

- - -

Contornando a costa litorânea marajoara, às proximidades da isolada Ilha Machadinho, duas lanchas de pequeno porte, sem identificação, seguiam a toda velocidade atrás de um barco de pesca que navegava em ritmo mais cadenciado devido a pouca potência do motor. A tripulação já havia avistado as velozes embarcações que chegavam cada vez mais perto, deixando todos alertas.

O inevitável aconteceu, e o medo de uma abordagem truculenta se confirmou quando as lanchas se posicionaram uma em cada lateral do barco, homens apontando armas, ordenando o desligamento do motor do *Sentinel*a e a rendição dos que se encontravam a bordo. Eles subiram ao convés, logo perguntando pelos três fugitivos.

– Não estão conosco, senhor! – Argumentou o encarregado.

Sem preliminares, um tiro de advertência foi disparado para o alto e, em seguida, o homem à paisana fez uma menção hostil com a coronha da carabina em direção ao rosto do que havia falado. Os demais tripulantes, amedrontados,

recuaram um passo, fazendo os outros sobressaltados invasores empunharem com mais firmeza as armas.

– Se eles não aparecerem agora mesmo, a viagem de vocês vai acabar aqui!
– Reprimiu, enquanto mexia na alavanca do gatilho.

– O casal desceu em Soure! – Gritou em desespero o mais franzino e nervoso dos tripulantes - Mas a velha ficou na Vigia!

Após vasculharem todas as dependências do barco, os invasores se foram, não sem antes se despedirem, aplicando alguns tapas e socos nos rostos e costas dos que ficaram.

- - -

Enquanto Catarina se alojava na fazenda onde fora acolhida, Arthur decidiu ir até o centro de Soure, providenciar mantimentos e demais coisas necessárias. Ele caminhava displicente pela terceira rua da cidade, quando ouviu uma voz masculina chamar seu nome, provocando um disparo de adrenalina e acelerando os batimentos. Olhou para trás, alarmado.

12

Um sujeito desconhecido, de bigode e cabelos bem penteados, vestido comumente, de camisa listrada e calça cáqui, encontrava-se parado, esperando uma reação.

Arthur girou nos calcanhares, ficando de frente com ele. O homem sorriu.

– Desculpe, mas... nós nos conhecemos?

– Acho que não. Mas estou aqui para ajudá-lo!

– Me ajudar?

– Sim. Eu fui enviado pelo Samango.

Arthur ficou estarrecido.

– Você conhece o Samango? – Perguntou, desconfiado.

– Sim. Trabalho com ele. Sei que nunca nos vimos, mas acredite, estou aqui para tirá-lo desta situação. Depois de tudo o que aconteceu no Araguaia, o Samango ficou preocupado e me encarregou desta missão, caso você queira voltar a São Paulo com Catarina. Aliás, temos uma boa surpresa para ela. Aposto que vai querer saber novidades sobre a mãe desaparecida. – Arthur se mantinha cauteloso e ao mesmo tempo esperançoso. *Notícias sobre a mãe de Catarina?*

– Vamos! – Continuou o homem – Eu garanto que podem chegar até lá em segurança!

– Como souberam que estávamos aqui?

– Através de Dona Ádna, a mãe dele.

Arthur assentiu. *Quem mais saberia sobre isso? Aquela poderia ser mesmo a sua chance.*

– Será que é mesmo seguro? – Indagou, incerto.

– Claro! – Disse o homem – Vá buscar Catarina! Há uma lancha ancorada no trapiche, à espera de vocês!

Numa conversa reservada, Arthur argumenta para convencer Catarina a regressar com ele a São Paulo, conforme convite do homem enviado pelo líder. Ela estava temerosa de voltar àquele mundo que tanta infelicidade lhe causara. Entretanto ela reconsiderava, refletindo sobre o chamado que viera do líder, para ela ainda desconhecido visualmente. Ele era amigo de seu pai e poderia ter informações relevantes sobre o paradeiro da mãe sequestrada cinco anos atrás.

Mesmo relutante, decidiu aceitar.

Caminhando rumo ao trapiche, foi possível ver a lancha. O clima estava silencioso. A cada passo, a insegura Catarina alimentava a esperança de reencontrar a mãe viva. Chegaram à embarcação, da qual saiu um homem baixinho, o condutor, na intenção de auxiliá-los a entrar. O homem de bigode ficava o tempo todo puxando assunto com Arhur, exaltando as belezas naturais do lugar.

Dali, eles partiram para Belém, de onde rumariam a São Paulo.

Ao desembarcarem na capital paraense, numa tranquila área portuária da Cidade Velha, o homem de bigode saiu à procura de um telefone público.

Após fazer a ligação, ele se reaproximou:

– Daqui a mais ou menos uma hora, o transporte para São Paulo já estará à disposição de vocês!

Tomaram um táxi.

– Para o aeroporto, por favor! – Ele falou ao motorista.

Catarina suava frio, só de pensar que teria que voar novamente numa daquelas aeronaves antigas e desconfortáveis, como a que a trouxe refugiada de São Paulo até Belém. Diante do pequeno bimotor, ela ficou mais aliviada, ao ver que a aparência era melhor do que a do primeiro.

– Vamos! Podem entrar. – Disse o homem de bigode junto à porta aberta do avião – Quando chegarem a São Paulo, o Samango estará esperando!

– Você não vem? – Perguntou Arthur.

O homem apertou sua mão e deu batidinhas em seus ombros.

– Não, meu amigo, eu fico por aqui. Mas vão em paz. Nosso piloto irá conduzi-los em segurança.

O avião manobrou na pista para a decolagem. Catarina e Arthur, sérios, olhavam pela janela, enquanto o homem se despedia acenando do lado de fora.

Depois que a aeronave alçou voo, aquele mesmo homem, que, até bem pouco tempo, era um *hippie* vagando pelas ruas da Vigia, virou as costas e arrancou o bigode falso, dando uma risada.

14

Na área dos hangares do aeroporto, situado no centro da capital paulista, havia dois homens de óculos escuros, encostados juntos a um fusca azul-marinho. Um deles jogou o cigarro fora, quando o bimotor passou taxiando por eles, finalizando a pós-manobra de pouso.

A porta da aeronave se abriu e lá estavam eles.

– Bem vindos! Fizeram boa viagem? – Disse o de costeletas.

Arthur e Catarina perguntaram a si próprios quem dos dois seria o Samango.

– Correu tudo bem. – Arthur respondeu.

– Venham! O Samango está esperando. – O outro, de barba, convidou-os.

Logo constataram que nenhum era o líder.

A chuva ameaçava cair. Todos andavam para a direção do veículo estacionado no lado externo do hangar, quando o piloto chamou:

– Arthur, faria a gentileza de me ajudar a descarregar as bagagens que estão dentro do avião?

– Claro!

Catarina olhou de relance, enquanto entrava para sentar-se no banco de trás do fusca.

Alguns minutos se passaram. Ela já estava impaciente pela demora de Arthur no interior do avião. De dentro do carro abafado e calorento, ela olhava ansiosa através do vidro, esperando pela aparição dele na porta da aeronave, mas, em vez disso, surgiu somente o piloto, que fez um sinal de positivo para os homens que a acompanhavam. Ela ficou confusa, franziu as sobrancelhas. De repente, um deles lhe apontou uma arma, enquanto, do outro lado, o segundo abriu a porta e puxou seus braços para algemá-la.

Catarina viu um abismo surgir a sua frente. Chorava desesperada.

– O que está acontecendo? O que fizeram com Arthur?

Eles riram, zombando.

– Ele não vai sair do avião até que a levemos. Agora vai ser premiado por ter cumprido o acordo e lhe entregueado para nós! – Continuaram às gargalhadas.

– Acordo? – Catarina estava perplexa.

– Isso mesmo. Ele é o nosso informante! Você caiu numa cilada! – Falou o de barba, secamente. – Agora vamos dar uma volta!

Antes que terminasse de ouvir aquilo, ou pudesse revidar, ela foi amordaçada com um trapo. Fechou os olhos, grunhindo. Ao abrir, já não enxergava mais nada. Um capuz preto a privava da luz.

O fusca saiu em arrancada com Catarina mergulhada nas trevas da cegueira. Estava incrédula, atônita. Jamais imaginara que Arthur fosse um traidor, capaz de cometer tamanha crueldade. Tudo o que desejava naquele momento era a morte.

– *O que querem de mim? Pra onde estão me levando?*

– Vamos dar uma volta! – A voz, em tom de ironia, ainda ecoava em seu ouvido.

O carro seguia para fora da cidade.

Os pulsos doíam. A posição era incômoda. A mordaça amargava e apertava os cantos da boca. Dois homens fortes haviam enfiado sua cabeça num capuz quente. O chiado da chuva e o ruído estressante do motor eram tudo o que escutava depois do “Vamos dar uma volta!”. O banco rasgado do carro estava velho e fedido. Com os vidros fechados, fazia calor. Queria vomitar.

Saíram da área urbana. Não se ouvia mais a intensidade do trânsito. Continuava chovendo. Havia cheiro de mofo e gasolina. A viagem às cegas já durava mais de uma hora pela autoestrada.

O carro reduziu velocidade e deu curva para a direita. Começou uma leve trepidação. O trecho deveria ser de terra ou pirraça, com poças d’água que forçavam o motorista a contorná-las.

Em dado momento, o carro parou. Uma porta foi destravada. Um dos homens desceu, provavelmente para abrir uma porteira pesada, baseando-se no barulho de correntes e no ranger das dobradiças. O carro avançou de cem a duzentos metros até parar de novo.

Alguém liberou a porta e inclinou o banco, puxando-a sem a menor delicadeza para fora. Ela sentiu um cheiro familiar.

O coração de Catarina parecia uma britadeira.

– Ouviu uma voz grave, imperativa e demoníaca.

– Levem direto pro porão!

Fase II

Belém do Pará

24 de outubro de 2013

16

Quarenta anos haviam passado. Sempre naquela data, o olhar perdido se entristecia, ao passo que os pensamentos se distanciavam no retrocesso do tempo, embarcando numa onda reversa que ia de encontro a recordações dilacerantes. Diante do espelho, a garganta se contraía, os olhos se fechavam e um fio de lágrima descia, sinuoso, pelo rosto cicatrizado, tão suave quanto os dedos que um dia o acariciaram. A fúria retrancada ainda era sufocante. Os danos físicos eram perceptíveis. As sensações que se fundiram naquela época de terror até hoje percorriam o corpo e lhe causavam repulsa. *Medo, confusão, humilhação, desilusão, dor...* Tudo ainda compunha a sombra que se abatia sobre sua vida. Os gritos não se calaram, o gosto do sangue não se dissolveu e o cheiro da morte nunca deixou de pairar, assim como a amargura de conviver com a traição e com os transtornos que perduravam. O ódio se instalara no coração daquela mulher de 59 anos, de tal forma que chegava a fazê-la tremer.

Porém a bonança, para aquela inquietude interior, se refletia cruzando a porta atrás de si, aproximando-se tão inocente quanto sua própria condição.

– Vó! – Gritou festivo o menino de uniforme escolar, que largara a mochila no sofá e corria para abraçá-la.

Ela procurou se recompor e receber as pessoas que adentravam a sala.

– Mãe!

Amanda ficou tensa ao se deparar com os olhos avermelhados e fragilizados de Catarina, ao virar-se para ela.

– Filha, você nem veio almoçar. O que aconteceu? Você ligou para mim, mas não falava nada no telefone. A gente precisa conversar... – Ela respondeu, num tom preocupado, sem prestar atenção no homem desconhecido que acompanhava a filha, aguardando estático junto à entrada.

– Ah, a senhora parece triste... Não quero vê-la assim de novo. Precisa se distrair, se ocupar, se divertir. Não se faça refém dos maus pensamentos!

– Mas é que hoje...

– Por favor, mãe. A dificuldade que você impõe para não superar o seu problema, cada vez mais a prejudica. Você fica doente e eu também, por você. – Amanda aconselhava a mãe, às vezes até duramente, no intuito de afastá-la do mal da depressão, quando percebia as recaídas. Temia a possibilidade de um colapso emocional. Catarina era instável e hipocondríaca; costumava se esquecer ou se exceder nas doses dos medicamentos.

– Mas, Amanda...

– Mãe... Agora não! – Interrompeu-a – Quero lhe apresentar uma pessoa. Ele sabe sobre o seu problema e quer conhecer a senhora.

– Você contou a ele?

O rapaz deu um passo à frente com um sorriso contido.

– Olá, dona Catarina. Meu nome é Gabriel. – falou, com um aperto de mãos demorado e fitando as marcas no rosto dela.

– O anjo mensageiro? – Ela ironizou.

Ele riu.

– Quem sabe? – Respondeu, olhando para Amanda, enquanto ela cuidava de recolher as peças de roupas e meias que o agitado menino ia espalhando pela casa.

Na calmaria bucólica daquele antigo sítio, situado nas cercanias duma pequena cidade do interior paulista, adjacente à rodovia que rumava a Minas Gerais, o céu, alaranjado e nebuloso acima das serras, era contemplado, entre a abertura da cortina de *voal*, através da vidraça chuviscada, pelo idoso enfermo desperto sobre a cama que lhe servia de leito. Tinha barba farta e cabelos acinzentados. Apenas um dos olhos ainda enxergava, ostentando a íris azul. A tarde findava soturna e a luz já era escassa. A velha casa de paredes espessas, assentada sobre alicerces de pedras, era contornada por um denso jardim; tinha assoalho alto de acapu e espaçosa varanda frontal com arcadas e parapeito em madeira pintada de verde. De repente o ambiente parecia tão vasto quanto uma catedral deserta.

Décadas atrás, aquele lugar fora o cenário do inferno, que ele converteu num refúgio e numa chance de recomeço, criando o nome de “Sítio Bonança”. *Um novo ambiente. Uma nova identidade.* Mas o tempo revelou àquele homem, outrora solitário, que seria ilusão acreditar no próprio tempo como amigo, e que a recolocação social reformularia sua consciência.

Uma pendência o cobrava, ao dormir e ao acordar.

Por muitas vezes, ele teve a sensação de que era um espírito vagante, impedido de alcançar a luz.

Quando ainda gozava de saúde e de vigor físico, o sentimento corrosivo da vingança o consumia, dia após dia, em sua busca mórbida pela justiça em seu aspecto mais sombrio e macabro.

Até que a voz fantasmagórica, tão aterrorizante durante o início do seu calvário, no interior claustrofóbico do cativo, soou novamente em seu ouvido, e a visão do carrasco se materializou a sua frente. O sangue ferveu e uma carga de adrenalina o fez estremecer. Lembrou-se dos anos perdidos, dos desaparecimentos

e das vidas massacradas de entes queridos. *Preciso manter a calma e me controlar!* Sussurrava para si, apertando os olhos e respirando fundo.

Decidiu ser calculista e agir em silêncio, como só alguém estratégico sabe ser.

O plano de alcançar a bonança consistia em duas etapas bem distintas. Vingar-se não era o bastante.

Após executar a fase mais atroz, saboreando a sádica saciedade de retribuir o tratamento recebido no calabouço de penitência, de onde saiu com graves sequelas e teve um dos olhos furado, partiu para a segunda parte. Agora o que importava era consertar os equívocos do passado, ainda que a busca fosse um grande desafio, por causa das complicações do mal crônico que destroçava as células e dominava o corpo.

A vida parecia ter lhe aplicado mais uma rasteira. A saúde se foi, não oferecendo perspectivas animadoras. A idade avançada, como agravante, não proporcionava muito tempo. Ele desenvolvera um mal degenerativo que devastara o sistema nervoso e travava os movimentos. Aos 82 anos, a doença de *Parkinson*, já progredida, transformou-o num velho curvado, corcunda, trêmulo e rouco. A morte era iminente. A razão de sua inércia foi imposta pelos limites do corpo e não tinha mais condições físicas para prosseguir. Porém havia uma esperança de ir até o fim.

Sua velhice enferma estava amparada por pessoas queridas, colocadas pelo destino em sua vida. Ele se munia de todas as forças para suportar o quanto fosse possível. Não poderia padecer sem antes realizar a parte boa e final da missão. E a chance de morrer em paz estava confiada a um anjo, cujo regresso aguardava ansioso.

– Eu prometo, de coração, não descansar até cumprir o que tem que ser feito!
– Recebeu de resposta do anjo, antes dele partir.

Gabriel... Onde estiver, Deus o ilumine!

Sabia que a retomada do objetivo já estava em andamento. O semblante opaco, inexpressivo, esboçou um semissorriso cansado, logo se endurecendo ao olhar na direção do alto jambeiro ao longe, sombreando o velho celeiro abandonado

por detrás do mato alto, embaixo do qual havia o porão, onde estava enterrado o seu antigo segredo, jazendo nas trevas, sete palmos sob a terra fria.

De repente, tudo clareou.

A cuidadora entrou no quarto e acionou o interruptor que acendia a lâmpada, despertando o idoso dos seus pensamentos.

– Boa noite, seu Salomão. – Ela o acomodava atenciosamente, transferindo-o da cama à cadeira de rodas, preparando-o para o jantar.

18

Amanda cresceu envolta por fantasmas. Desde cedo, os problemas emocionais da mãe a atormentavam e fizeram dela uma mulher de hábitos contidos, embora sonhadora. Aspirava ter uma rotina natural e livre de tormentos; queria viajar, conhecer lugares, pessoas, experimentar a vida na sua forma mais plena... Mas existiam impasses. O passado tinha grande peso sobre seu mundo. Ela não tinha escolha. Catarina, vez ou outra, caía deprimida e, quanto mais envelhecia, mais o transtorno gerava crises de desânimo e a afastava do convívio social. Queria ser nula. Parecia não ter forças para superar os traumas que vivera antes do nascimento da filha, uma sucessão de fatos trágicos que a marcariam para sempre, por se tratar de uma história controversa, repleta de mistérios, envolvendo a família dela e o pai de Amanda.

As circunstâncias conduziram a instrução vocacional de Amanda para o universo da Psicologia. Sua realidade a inseriu neste campo da ciência para compreender a si e à mãe, com quem sempre morou num lar modesto de um bairro

tradicional de Belém do Pará, cuja construção fora feita em substituição à antiga casa que Catarina herdou da falecida avó, Ádna. Ali Amanda mantinha um anexo destinado à função de consultório para atendimentos particulares no âmbito comunitário, divulgado em mídias locais e na *Internet*. Ela amava a profissão e fazia disso um valioso instrumento para exercitar a solidariedade voluntária a quem necessitasse de seus conhecimentos, procurando oferecer um serviço de utilidade pública através das redes sociais e do *blog* pessoal, que era sucesso em termos de visitas e correspondências, dando a ela um *status* de fama no meio virtual.

Ela também trabalhava num projeto de assistência social, mantido pelo governo do Estado, prestando acompanhamento psicológico a vítimas da violência urbana e doméstica. Contudo, lidar com os dramas dos pacientes era muito diferente de se relacionar com o caso da mãe. Em casa, o discernimento científico entrava em conflito com a emoção.

Contudo, vivendo em consenso com o pleno direito de voz, numa época em que o ideário individual tinha possibilidades muito diferentes do que há quarenta anos, ela se apegava cada vez mais às causas humanitárias e às pessoas que amava: a mãe Catarina e o filho Arthurzinho. E para qualquer que fosse o problema, tinha um companheiro inseparável: o computador. Já Catarina era avessa a tecnologias.

A experiência familiar inspirou a criação do *blog*, onde Amanda veiculava principalmente conclusões de pesquisas sobre a era da ditadura civil-militar brasileira e suas sequelas sociais, compartilhando o próprio exemplo, já que a mãe fora uma vítima direta da repressão.

Amanda queria ajudar pessoas atingidas pelos males dos anos de chumbo através do embasamento da profissão, servindo como orientação tanto filosófica quanto científica aos que buscavam maneiras de lidar com as aflições. Aquela atividade proporcionou inúmeros seguidores e amigos virtuais, que se estreitavam de acordo com as afinidades em torno do assunto.

Os cabelos à altura dos ombros, os óculos de grau com armação preta e o modo casual de se vestir, habitualmente, dando preferência a cores de tons discretos, pouca maquiagem e acessórios artesanais, davam a ela um ar prático,

jovial e ao mesmo tempo moderado. Além do mais, estava sempre envolvida com o trabalho. A imagem, que pouco refletia os 40 anos, era geralmente associada à atividade profissional. O espírito independente lhe proporcionava um comportamento às vezes volúvel; sempre receptiva a novidades e disposta ao engajamento em movimentos sociais modernos, mas nunca deixando de lado as responsabilidades sobre o pequeno Arthurzinho, que tinha apenas quatro anos e era fruto de um acontecimento trágico, mas que ela soube superar.

Desse modo, o altruísmo gerava certa dificuldade em estabelecer relacionamentos amorosos. Fazia algum tempo, desde a última experiência. Mas havia aparecido alguém que repentinamente despertara a sua atenção.

Flagrou-se sorrindo ao lembrar a maneira inusitada como aquele jovem gentil surgiu para ela, causando a impressão de que os dois ainda teriam muito o que descobrir.

Fazia poucas horas que o vira pela primeira vez: por volta das 11h15, no fim do expediente de trabalho, Amanda caminhava apressada pelo amplo corredor da repartição, rumo à saída. No momento, um temporal era anunciado por ventos fortes. O local estava deserto. Conferindo os pertences na bolsa, em movimento, ela procurava pelo telefone celular para avisar a mãe de que logo chegaria para o almoço. Virou à esquerda com o aparelho preso entre o ombro e o queixo, deixando as mãos livres para abrir o guarda-chuva. Tomou um susto ao dar de frente com alguém que vinha na direção contrária. Ela procurou se equilibrar e percebeu que o desconhecido tinha ido ao chão.

– Por favor, me desculpe! Você está bem? – Ela falou, atordoada, oferecendo a mão para erguê-lo, esquecendo o celular que se espatifara no chão com a ligação em curso.

O homem olhou de baixo para cima, sorrindo e aceitando sua ajuda. Tinha cabelos castanho-claros, levemente ondulados, barba aparada e estilizada, usando uma discreta argola preta na orelha esquerda. Aparentava ter idade em torno de 35 anos.

– Eu é que peço desculpa. Não reparei você se aproximando. – Ele se justificou. Mal ela sabia que o incidente era o passo inicial para mudanças inimagináveis.

Os dois, de pé, sorriam desajeitados, conferindo objetos que tinham se espalhado durante o choque.

– Posso ajudar em alguma coisa? – Ela perguntou, solícita.

– É que... eu estou à procura de uma pessoa que trabalha aqui, mas pelo jeito, todos já se foram.

– Sim. Só haverá atendimento amanhã.

– Então... Tudo bem! Fazer o quê? – Ele, meio desajeitado, foi acompanhando devagar a retomada dela para a rua. De repente, o céu tinha virado um manto cinza, e um chiado característico de chuva fazia as pessoas correrem em busca de abrigo. – Mas, de qualquer forma, obrigado! – Ele continuou – Ah... E desculpe mais uma vez pela trombada. Prazer em conhecê-la, meu nome é Gabriel!

– De nada. Eu sou Amanda!

Ele parou.

– Espere aí! *Amanda?* Acho que é você quem eu estou procurando!

Ela ficou surpresa.

– Algum problema? – Indagou, franzindo a testa por causa dos pingos que iam de encontro ao seu rosto e da poeira levantada pelo vento.

– Na verdade, acho que uma conversa com você me ajudaria muito. Você é Amanda Veiga, psicóloga, não é?

Amanda ficou apreensiva. Estava faminta. *Droga! A chuva me pegou!*

– Sim, sou eu.

Não conhecia aquele homem. *O que será que ele quer?* Perguntava-se. Não lhe parecia sensata a ideia de acompanhar um estranho, mas a voz da consciência

de querer ajudar sussurrava ao ouvido; intuiu ser ele gente de bem. *O que eu faço?* Pensou, duvidosa.

– Bem... No momento, como você vê, eu estou meio apressada, preciso pegar o meu filho na escola e chegar em casa. Prometi à minha mãe que iria almoçar com ela. Nós poderíamos conversar amanhã, aqui mesmo. – Ela sugeriu.

O rapaz não estava disposto a desistir. Precisava de uma confirmação.

– É justamente sobre o passado de sua mãe! – Ele arriscou de uma só vez, esperando uma reação dela.

Amanda ficou paralisada e engoliu em seco. Nem se importava mais com a trovoadas. Todo o resto do mundo desapareceu.

19

Amanda era atenta a certos comportamentos da mãe, que davam indicações de um estágio patológico. Catarina, às vezes, parecia uma criança tola e cada vez mais dependente. Esse comportamento é chamado de *regressão*, típico de pessoas fragilizadas pelo sofrimento e que começam a fantasiar atitudes infantis para extravazar suas frustrações.

Como psicóloga, achava desafiador alguém sofrer tão intensamente por um fato ocorrido há quatro décadas, mesmo levando em conta a gravidade. Já tinha buscado fundamento em inúmeras teorias e estudos *freudianos* sobre causas e sintomas de depressão, que podem ocorrer por consequência de acontecimentos de natureza lesiva, recentes ou muito antigos, desenvolvendo traumas que se enraízam

sobre a *psique*, além de sequelas que podem se estender a gerações descendentes, podendo se manifestar até mesmo no campo físico.

Analisando a história de vida da mãe, Amanda formava suas conclusões e diagnósticos.

Catarina sofreu muitas perdas de maneira trágica; foi perseguida, presa e submetida a maus tratos, sem que tivesse uma esperança de socorro, já que o Estado era o seu algoz. Após ser liberta, seu amparo foi a figura da avó, única parente viva que conhecia. Mas depois da morte dela, Catarina se viu novamente sem referências, a não ser a filha, a quem passaria a dedicar o resto de sua existência. Daí, o que manteve Catarina de pé foi o amor e o mecanismo de defesa que todos os seres humanos possuem: o *ajustamento psicológico*, que tem a função de proteger a integridade do *ego*, ou seja, um processo inconsciente ou subconsciente que se manifesta no indivíduo como um bloqueio aos pensamentos negativos ou situações que não possam ser resolvidas no nível da consciência, devido a angústias que remetem ao passado, ao presente ou ao futuro, criando uma falsa amnésia. Esse bloqueio é denominado *Negação*, cientificamente. É como o exemplo de às vezes imaginarmos a própria morte ou de nossos pais e quase que imediatamente desviarmos o pensamento para algo melhor. Outro caso é o sentimento deprimente de desamparo ou de incerteza pelo futuro... Foi isso que Catarina fez a vida toda: seguiu se esforçando para bloquear mentalmente o passado infeliz e vencer as barreiras, porém tudo sempre esteve guardado no baú de sua memória. E agora, com a velhice chegando, vendo Amanda crescida, estabilizando-se como pilar econômico e exercendo o papel de mãe, Catarina alternava maneiras de encarar a si própria, ora vendo-se como um exemplo de superação, ora cadenciando ritmo e força. O tempo ocioso fazia com que ela começasse a remoer os sentimentos acumulados durante anos.

Tratava-se de um caso complexo, devido à intensidade e extensão de tempo.

Amanda especulava que a solução mais efetiva seria colocá-la de frente com o passado, se houvesse chance.

Além disso, ostentava a ideia de que a mãe a poupava da verdade acerca do pai desconhecido. *O que será que ela omite?*

Tudo o que sabia era que Catarina e Arthur teriam sido duramente perseguidos pela repressão militar na juventude, sendo ela presa e submetida a interrogatórios e à violência, que a deixou marcada para o resto de seus dias. Catarina pouco falava de Arthur e jamais mencionara o gesto de traição dele. Aquilo se tornou um tabu, principalmente pelo fato de Amanda ter desenvolvido para si uma imagem heroica do pai que não conheceu. Catarina apenas dizia que ele era um idealista democrático de origem uruguaia, envolvido com a causa dos comunistas brasileiros, e seria mais um entre centenas de desaparecidos políticos, provavelmente morto na época pelos agentes da ditadura.

O conceito de Amanda sobre Arthur, como símbolo de luta pela libertação nacional era algo cristalizado, tanto que o homenageou ao batizar o filho.

20

– **O que você sabe sobre minha mãe?** – Amanda perguntou a Gabriel, após ela ter feito o telefonema providencial a uma amiga, mãe do colega de escola do filho, solicitando para que ele pudesse aguardá-la na casa dela por alguns minutos, até que pudesse ir buscá-lo.

Os dois se sentaram diante da mesa do restaurante, próximo à Praça da Bandeira, de onde se via o suntuoso quartel, sede da 8ª Região Militar de Belém, sem se darem conta de que ali funcionou um centro de tortura, nos anos 70, assim como inúmeros locais públicos da cidade, hoje transformados em atrações turísticas, como a Casa das Onze Janelas, no Complexo Feliz Luzitânia, onde havia o calabouço que servia de prisão para os rebelados, hoje transformado num elegante “boteco”. Outros locais também foram cenários de ações violentas, como o quartel

situado na esquina das ruas Gaspar Viana e Assis de Vasconcelos, além da antiga sede da União Acadêmica Paraense, cuja invasão resultou em quebra-quebra e espancamento de vários estudantes.



Quartel da 8ª Região Militar - Fonte: Odilon Sá



Casa das Onze Janelas - Fonte: Odilon Sá



Quartel da Rua Gaspar Viana – Fonte: WWW.michelpinho.com.br

Gabriel juntou as mãos ao queixo.

– Se a sua mãe for quem eu estou pensando, suponho que eu saiba de alguém que pode ajudá-la a amenizar as aflições dela. – Argumentou.

– Mas de onde você me conhece?

– Eu vim de São Paulo. Já procuro por você faz tempo. Eu sei mais sobre a sua vida do que você imagina! – Gabriel estava deixando-a cada vez mais intrigada.

– O que você quer? Como me encontrou? – Ela indagou, já impaciente.

– Calma. Eu só quero ajudar. Fique tranquila. Digamos que... – pausou – Temos um problema em comum: assim como sua mãe, eu também tenho um pai transtornado. Estamos conectados ao mesmo caso. Nossas vidas podem estar mais ligadas do que imaginamos.

– Como assim?

– Conheci você através de uma longa busca, pesquisando indicações no *Google* e tudo mais, pois como você sabe, hoje em dia é a primeira coisa que fazemos quando queremos achar uma informação... Até que cheguei ao seu *blog* pessoal. Lá você postava diversos comentários sobre o drama de sua mãe. Então eu liguei os pontos, os nomes, os fatos... Depois descobri você nas redes sociais, onde pude conhecê-la melhor, através do seu perfil publicado. Até chegamos a conversar no *chat*, lembra?

– Ah, então era você... – Amanda puxou pela memória – Acho que lembro sim... Você é aquele, do perfil intitulado de “Anjo”.

Ele estalou os dedos.

– Isso mesmo! Você é esperta! – Ele falou, rindo – Anjo é o meu codinome nas redes sociais. Aliás, é como meu pai costuma me chamar, por causa do meu nome.

Ela sorriu. *Gabriel*.

– Mas o que você tem a me dizer? – Ela voltou a perguntar, após findar o sorriso.

Gabriel procurava pelas palavras iniciais.

21

Catarina acreditava que sobreviveu por Amanda. Achava que foi por causa da semente que carregava em seu ventre que foi salva. Após ser liberta do cárcere, o nascimento da filha era a única razão para continuar e refazer a trajetória,

embora as sequelas psicológicas fossem barreiras para se reestruturar espiritualmente e ter uma vida normal. Ela se focou em trabalhar duro para assegurar o futuro razoável para as duas. E desde então, fechou as portas do coração, assumindo uma identidade reclusa. Arthur tinha sido seu único amor.

- - -

Partindo do próprio dilema, Amanda procurava se interar sobre tudo o que dizia respeito à época da ditadura brasileira, observando casos de milhares de pessoas que agravaram traumas semelhantes ao da mãe, tornando-se uma sequela transgeracional. Usava o *blog* para postar citações e artigos de especialistas.

Fazendo uso da plena liberdade de pensamento que a contemporaneidade permitia, era contundente nas críticas ao “esquecimento” e à Anistia de 1979, promulgada pelo último dos cinco presidentes militares, João Figueiredo, lembrando que por mais favorável que fosse aos exilados que tanto almejavam voltar ao convívio dos familiares e amigos, os militares e agregados também foram equivocadamente agraciados pela perpetuação da impunidade criminal aos torturadores e assassinos repressores. Dessa forma, muitas vítimas sobreviventes, ainda hoje, não foram capazes de expurgar de suas vidas as assombrações que continuaram à solta. Em contrapartida, os carniceiros foram contemplados por uma lei elaborada segundo as conveniências da ocasião. Por isso, a página virtual era encabeçada pela frase “Eu não anistiei ninguém!”, emprestada de *La Maison Dieu*, da Legião Urbana, ilustrada com fotografias de arquivos historiográficos, documentos digitalizados e entremeada por poemas, trechos de matérias jornalísticas e letras de canções populares censuradas na época, por se tratarem de mensagens, diretas ou indiretas, de repúdio ao regime, cujos autores e intérpretes famosos foram perseguidos, presos, torturados e exilados em outros países.

- - -

Amanda evitava indagar Catarina sobre seu passado obscuro, denotando conformidade com o discurso resumido dela, pois percebia o quanto a mãe ficava comovida cada vez que era forçada a abordar a própria história, mas no fundo

Amanda sabia que não acabava assim. O instinto de analista psicóloga indicava que havia algo mais, que Catarina amargava e não queria que a filha soubesse.

22

– **Primeiro, eu quero ouvir** de você a versão que sua mãe, Dona Catarina, sustenta a respeito do que aconteceu quando ela foi presa pela repressão!
– Disse Gabriel, com austeridade a Amanda.

Ela ficou meio perdida, não sabia ao certo o que dizer. *Ele sabe até o nome da minha mãe!*

– Bem... Na verdade, apesar dos tormentos evidentes que ela suporta por causa disso, sempre se limitou a falar sobre as perseguições e, principalmente, sobre meu pai... Não sei o porquê! Como eu já disse no blog – prosseguiu –, só o que sei é que ele se chamava Arthur Navarro, e era uruguaio. É mais um entre tantos desaparecidos políticos... Ela reluta em falar dele. Às vezes penso que seja para me resguardar dessa história triste. – Amanda falava com o olhar baixo, mexendo nas unhas.

Gabriel pegou na mão dela. Ela se assustou.

– Amanda... – Ele pausou, inspirando – Há muita coisa a ser esclarecida, tanto para você quanto para sua mãe, pois eu acho que até mesmo ela não saiba de toda a verdade sobre o seu pai.

– Do que você está falando?

– Só podemos descobrir depois de conversarmos com ela.

23

– **Você também é psicólogo?** – Catarina perguntou ao jovem sentado na poltrona, enquanto Amanda, em silêncio, preparava um café, por detrás do balcão de granito e blocos de vidro que dividia a sala de visitas da cozinha.

– Não, senhora. Sou jornalista. – Gabriel respondeu enquanto observava o ambiente. A casa era comum, mas tinha aspecto harmonioso, fruto do capricho de Amanda, que a seu gosto construiu aquele lar simples, porém confortável, rico em delicadeza na decoração feminista, repleta de pequenos encantos posados sobre mesas, prateleiras, cortinas e paredes, visando proporcionar à mãe o mínimo de retribuição e dignidade.

– Sua casa é bem aconchegante. – O rapaz comentou.

Catarina olhou em volta.

– Aqui era a casa da minha avó, mãe da minha mãe. – Recordou dos tempos em que ainda tinha a presença de Ádna, seu porto seguro depois que escapou das mãos dos militares em São Paulo e se autoexilou no Pará, junto à avó, na tradicional comunidade de Porto Salvo, no interior da histórica Vigia de Nazaré, cidade onde Amanda veio a nascer. Lembrou a triste morte de Ádna, em 1978, padecida de saudade do filho que não mais chegou a ver depois que os militares se lançaram em perseguição a ele, por ser uma liderança de alto potencial na luta rebelde contra a

ditadura. O sumiço dele sugeria o pior. *Ele foi descoberto e morto!* Mas Ádna, no fundo, tinha uma ponta de esperança, que se fazia expressar numa folha de papel.

– Querida, eu posso morrer sem nunca mais abraçar meu filho, mas, se um dia você chegar a conhecê-lo, abrace-o por mim e entregue a ele esta carta! – A avó dizia.

Após vários anos residindo em território vigiense, Catarina e Amanda foram para Belém e se estabeleceram na casa vazia deixada como herança para ela.

De repente, Gabriel ficou distraído olhando para Amanda, que saía de trás do balcão, séria, com uma bandeja.

Catarina voltou à realidade e ficou imaginando se aquele rapaz não seria um repórter qualquer de um jornal qualquer, atrás de uma entrevista para uma matéria sobre a ditadura brasileira, ainda mais porque, desde que foi instalada a Comissão Nacional da Verdade, em 2012, investigando crimes de violações aos direitos humanos, principalmente na época da repressão política, o assunto vem sendo frequentemente abordado na Imprensa. Mas ela não estava disposta a colaborar. Não pretendia se expor. Preferia manter-se nula na segurança do anonimato. Para ela o mal poderia ainda estar à espreita.

– Mãe, o Gabriel também vive um problema parecido com o nosso. – Disse Amanda – Ele está apenas querendo esclarecer certos acontecimentos daquela época e ajudar pessoas como a senhora, que foram vítimas...

– Não, Amanda... – Gabriel a interrompeu – Você não entendeu. Eu vim até aqui especificamente por vocês!

Amanda e Catarina se entreolharam, esquecendo as xícaras com a bebida esfumagante.

De repente, Catarina teve o pressentimento de que aquele rapaz era muito mais do que alguém querendo simplesmente troca de informações. Sentiu uma leve aceleração no coração.

Gabriel era de origem humilde. Depois da perda do pai e do irmão mais velho, ainda na infância, enfrentou tempos difíceis para sobreviver junto da mãe.

As mais antigas recordações vinham de quando morava com a família num barraco à beira da Rodovia Fernão Dias, já saindo de São Paulo rumo a Belo Horizonte. O casebre era mobiliado apenas com dois colchões velhos, uma poltrona parcialmente rasgada, uma mesa reaproveitada, uma pequena televisão ligada à energia irregular, além de outros utensílios doados ou achados. A principal fonte econômica vinha do trabalho numa precária tenda improvisada no acostamento, onde se comercializava frutas e hortaliças colhidas às escondidas em propriedades alheias, nos arredores. Às vezes, tinham que se arriscar, avançando para a pista, erguendo as mercadorias para chamar a atenção dos motoristas. Numa dessas, uma equipe de reportagem parou para comprar alguma coisa e a simpática repórter começou a fazer perguntas sobre o modo como viviam. A miséria chamou a atenção dela. O fotógrafo que a acompanhava registrava tudo, deixando o pequeno Gabriel embasbacado com os equipamentos e o modo como se movimentava aquele profissional a cada *click*, permitindo até que o garoto, como forma de brincadeira, apertasse o botão de captura de imagem, arrancando um sorriso infantil maravilhado. Aquela foi a primeira vez que Gabriel teve contato com uma câmera profissional.

Semanas depois, o garoto saía correndo sorridente com uma folha de jornal nas mãos para avisar aos pais que estavam nas fotos. Daí surgira o fascínio pelo jornalismo fotográfico.

Por trás das pequenas alegrias, a vida era dura, mas ficaria ainda pior.

Num começo de noite, o pai transitava de bicicleta pelo acostamento com o filho mais velho na garupa. Vinham trazendo o produto para a venda do dia seguinte: um saco cheio de jambos colhidos num antigo sítio que ficava nas redondezas, onde morava um velho barbudo, estranho e solitário, com seus cachorros. A luz daquele

horário não dava ao apressado condutor da caminhonete 4x4, seguida por uma moto a toda potência, uma visibilidade favorável para distinguir as pessoas na bicicleta à frente. Repentinamente, num descuido, o motorista se assustou, freando bruscamente para não atingi-los. Porém, logo atrás, mais assustado ainda, o motoqueiro derrapou desviando instintivamente para a direita, atropelando os dois. Não resistiram, nem o motoqueiro.

A tragédia foi noticiada na região.

Num sítio ali próximo, o senhor solitário, de barba grisalha e um olho azul, que assistia ao telejornal local, ficou comovido com o drama daquela família miserável, fitando o menino, que parecia um anjo, aos prantos junto da mãe desolada.

É aquele pobre garoto que sempre vem roubar jambos aqui!

Nesse momento, sentiu um aperto no coração. Levantou-se.

Preciso fazer algo!

- - -

O tempo passou. Gabriel cresceu e amadureceu. Junto com a mãe, foi morar naquele sítio, a convite do compadecido senhor que antes vivia na solidão. Ele se chamava Salomão Weber.

A generosidade daquele homem gerou em Gabriel um sentimento de eterna gratidão.

Sua sensibilidade para as coisas da alma dava sinais de que o pai adotivo era um ser infeliz, melancólico, pensativo. *Porque um homem tão bom vive tão sozinho?* Questionava. *Que segredos ele guarda?* Lembrava-se da proibição de abrir o celeiro abandonado, sempre guardado pelos cachorros grandes e ferozes que ficavam acorrentados no canil construído no acesso.

Além de uma aparente penúria mental, Salomão agora estava cada vez mais abatido, devido à progressão da doença degenerativa que piorava dia após dia.

– Se eu não puder mais continuar, você fará o resto por mim! – Salomão confiava ao filho adotivo a missão. A voz soava rouca e ele já se confinara sobre a cadeira de rodas, com as mãos sempre trêmulas. O mal de *Parkinson* o dominara.

Para Gabriel, atender aquele pedido era questão de honra e gratidão.

Além de não se tornar um miserável analfabeto, ele recebera de Salomão perspectivas, ou melhor, projeções, conquistadas com reconhecimento, disciplina e instrução, que lhe foi gradualmente repassada ao longo da convivência com o homem que passou a chamar de pai.

Em contrapartida, Gabriel fez por merecer. Quando foi presenteado no aniversário de 18 anos com a câmera fotográfica profissional que sempre sonhou, decidiu que se dedicaria incansavelmente aos estudos e às atividades ligadas às vocações: jornalismo e fotografia. Queria vencer e retribuir o bem que recebeu.

Desde cedo, ele tinha uma característica que era determinante em termos de personalidade: a curiosidade. Observar aquele idoso paralisado e ao mesmo tempo inquieto por algo evidentemente não resolvido, era como estar diante de um entusiasmante desafio ao mistério. Com o passar dos anos, as perguntas do garoto se tornavam frequentes. E cada vez mais ele se aproximava da razão dos tormentos de Salomão, até que ele se revelasse de fato, mas não por completo, apenas o suficiente para repor seu plano em prática, tendo o filho como elemento crucial. O pai dizia que era cedo demais para contar tudo. A hora certa chegaria, quando estivesse frente a frente com as pessoas que Gabriel teria que trazer até ele.

A missão estava em curso.

– **Me diga uma coisa:** – Catarina indagou – a sua visita tem algo a ver com o telefonema que eu recebi de uma mulher, hoje pela manhã, querendo confirmar meu nome e outras informações sobre mim?

Gabriel meneou com a cabeça.

– Sim. Foi a meu pedido. Era minha mãe. Descobri o número do telefone através do *blog* da Amanda, onde há um anúncio sobre o consultório particular. Além disso, meu pai tinha dado indicações de onde eu poderia encontrá-las.

– Por quê? Quem são vocês afinal? – Ela foi ríspida – Era justamente sobre essa ligação que eu queria conversar com Amanda. Acho que ela anda falando demais.

Amanda baixou a cabeça.

Gabriel tentava formular uma explicação. Sabia que o que quer que dissesse, as pegaria de surpresa, principalmente Amanda, que pouco sabia da história.

– Deixe eu lhe fazer uma pergunta, dona Catarina: qual a última imagem que a senhora guarda da noite em que escapou dos militares?

Catarina ficou com a voz presa. Um filme passou pela mente.

– Não sei a que você se refere. Foi uma noite tão confusa! – Respondeu, olhando para as próprias mãos, e esfregava uma a outra.

Ele resolveu ir mais a fundo.

– Lembra dos olhos azuis?

Catarina arregalou os olhos, parecendo ter entrado em estado de transe.

De repente, fez uma viagem no tempo e se viu deitada de costas sobre o mato, na escuridão por detrás do velho celeiro. Nesse momento, ao deparar com

uma árvore alta, ela havia descoberto onde estava. *Minha casa... foi tomada pelos militares!*

Tinha sido tirada ainda encapuzada do interior de um porão mofento; o mesmo porão que tempos atrás servira de local de encontros amorosos entre ela e Arthur, o homem que a fizera mulher. Mas a situação era outra, e ela chorava copiosamente. Fora traída. Caiu numa emboscada. Arthur havia desaparecido. Por baixo do capuz, o cheiro do próprio sangue oriundo de uma coronhada no rosto a enjoava. As mãos estavam amarradas. Era levada pelo braço por um homem forte. Sabia que ia morrer. O capuz foi tirado. O homem vestia uma camiseta preta, calça escura e tinha um cinturão com uma pistola. Ele gesticulou para que não gritasse. Sacou a arma. Ela esperou a bala fixando o olhar nos olhos azuis do seu algoz.

– Estou grávida! – Ela murmurou, em meio ao desespero.

Na sequência, o policial engatilhou a arma e apontou para baixo, disparando seis tiros em direção ao chão barrento. Catarina ficou em choque, com os olhos apertados. Trêmula. *Estou morta!*

Silêncio...

Mas não. Não estava morta. Sequer fora atingida.

Ela abriu os olhos, atônita. O homem de olhos azuis sinalizou para que continuasse em silêncio. Depois de desamarrá-la, sussurrou apontando para a mata: – Fuja! Fuja!

Sem nada entender, ela se embrenhou ziguezagueando na escuridão, como um bicho saído de uma jaula. Achava que a qualquer momento receberia um tiro pelas costas. Mas nada aconteceu. Ela sumiu...

– Mãe! Mãe!

Catarina saiu do transe e voltou à sala de sua casa, diante do chamado de Amanda, ao lado de Gabriel, enquanto o agitado Arthurzinho se divertia com os bonecos e carrinhos, indiferente ao dramático falatório.

Ela ficou desconsertada.

– Sim. Eu lembro. O que você sabe sobre ele? – A voz estava embargada.

– Ele é meu pai! – Gabriel falou, secamente.

Catarina segurou-se no sofá.

– Esperem um pouco! Não estou entendendo nada. De quem vocês estão falando? – disse Amanda.

26

– **Quem é a pessoa** que meu filho está procurando para o senhor, hein? – Amália, a mãe de Gabriel, perguntava ao idoso encarangado enquanto o alimentava, num tom brincalhão, referindo-se à ligação telefônica feita mais cedo, a pedido do filho que se encontrava em Belém, no intuito de confirmar a identidade de Catarina. – Aposto que é uma ex-namorada sua, não é?

O idoso sorriu, negando com a cabeça.

– Não, minha filha. Você sabe que não tenho mais essas aspirações.

– Mas nunca é tarde para amar. – Ela insistia, querendo descontraí-lo.

Ele fitou o próprio reflexo no espelhar dos talheres, deixando de sorrir.

– Essa pessoa é apenas uma das vítimas de um episódio triste em que eu me envolvi, há muitos anos... – Ele se esforçava para falar, parte da face era contraída - Foi uma história confusa, cheia de atrocidades, numa época muito conturbada. Inocentes, como ela, acabaram pagando. Vidas se separaram de forma cruel. – Ele respirou fundo – Hoje, eu me sinto no dever de ao menos tentar consertar os

desencontros. Ela precisa saber da verdade para conseguir ter paz de espírito. Sinto que ela sofre. Por isso, é tão importante encontrá-la. Só eu posso esclarecer tudo...

– Hesitou - Também há coisas obscuras que eu fiz e que preciso compartilhar. Tenho que me libertar de todos os segredos antes de partir, pois eu sei que a minha hora está chegando, e eu quero ir em paz... Vamos esperar pela volta de Gabriel!

A mulher, segurando imóvel a colher, fora surpreendida pela revelação. Salomão não costumava ser aberto a esse tipo de diálogo com ela. Desde que foi convidada a morar naquele sítio, junto com o filho, após a morte do marido e do primogênito, sempre o teve como uma figura bondosa, embora fosse tão introvertido, aparentemente atormentado pelos seus mistérios. Não falava muito de si, a não ser com Gabriel, o filho de criação por quem muito se apegou. Mas Amália queria aproveitar a oportunidade para conhecer melhor o homem que mudou sua vida. Queria simplesmente compreendê-lo.

– Seu Salomão... se eu for digna da sua confiança, quero que saiba que se precisar falar sobre qualquer coisa, estou aqui, assim como meu filho, para ouvi-lo. Acho que já está na hora do senhor dividir com as pessoas que lhe amam as suas aflições. Para mim é importante saber quem é o homem que se esconde por trás dessa barba.

A gratidão e o respeito eram sentimentos inabaláveis. Ela sempre fazia o possível para demonstrar lealdade, principalmente agora, diante das dificuldades sérias que o idoso enfrentava por problemas de saúde. Cuidaria do seu senhor até o fim.

Salomão assentiu.

– Tem razão. Já é tempo de você saber!

Catarina pôs a mão sobre a boca, o rosto e os olhos começaram a avermelhar, a ponto de explodir. Depois juntou as mãos, escondendo a expressão.

Gabriel e Amanda ficaram tensos.

– A senhora está bem? – Perguntou o rapaz.

– Mãe?

De repente, não tendo mais como se conter, Catarina se esvaiu em prantos. As lágrimas pingavam no chão. As mãos tremiam.

Os dois, imediatamente, levantaram-se e a abraçaram para confortá-la.

– Me desculpe, mãe! Eu não queria deixá-la assim. Tente se acalmar!

A mulher estava em soluços.

Gabriel ficou sem graça. Amanda foi providenciar um copo d'água.

– Não há como deixar de sofrer sem compartilhar o sofrimento. Assim ele fica menor. Quanto mais se guarda, mais cresce! – Gabriel argumentava – Vamos! Liberte-se dessa penúria. Permita a nossa ajuda!

– É verdade, mãe. Acho que sou adulta o suficiente para saber de tudo o que você nunca quis que eu soubesse.

Depois de um gole, Catarina se esforçou para manter o controle. Olhou para a filha, caindo novamente em lágrimas.

Amanda não sabia o que fazer.

– **Eu não sou quem eu digo que sou!** – Revelou o idoso.

– Como disse?

– Isso mesmo, Amália. Eu sou uma farsa!

– Por quê? O senhor se esconde de alguém? – Ela questionou.

– Foi necessário!

– O senhor cometeu algum crime grave no passado.

O homem fixou reflexivo.

– Amália... às vezes na vida fazemos coisas guiados pelo coração, mas as coisas nem sempre obedecem as nossas idealizações e precisamos pagar um alto preço. Tive que agir de maneiras que fogem à minha conduta e, para não me desviar dos meus princípios e dos objetivos que julguei imprescindíveis, passei a viver na clandestinidade.

– No caso, tendo que apagar sua identidade?

– Sim.

– Então, quem é o senhor?

Ele olhou para o teto.

– Eu apenas peço que acredite que dentro de mim existe um homem de bem. Prometo que todos compreenderão meus motivos. Tenha um pouco de paciência, até que Gabriel volte!

– Seu pai... era um espião. Um traidor!

Catarina tomou coragem e decidiu se abrir. Aquela simples frase, ainda que hesitante, já causara efeito imediato de alívio. Agora não voltaria atrás. Agarraria aquela oportunidade de compartilhar os seus quarenta anos de amargura e revolta.

Amanda apoiou um dos cotovelos no acolchoamento lateral do sofá, tocando a testa com as pontas dos dedos, pasma, olhando para a inocente criança que brincava distraída. A sensação era de ter levado uma bofetada. Ela recapitulava todas as impressões que tinha da imagem do pai. Fechou os olhos e viu a figura do herói desmoronar, como uma estátua em praça pública derrubada por um trator. A decepção era evidente.

– *Meu pai, um traidor?* – Ela repetia, em voz baixa, enquanto Gabriel apertava levemente o ombro dela, em apoio.

Catarina preferia nunca ter dito aquilo, mas sabia que era preciso ir em frente.

– Sim, filha. Ele era um infiltrado entre nós. Foi por causa dele que seu avô foi morto e eu fui presa e torturada pelos militares. Ele se vendeu para aqueles porcos. Até hoje, não sei se Arthur é vivo ou morto. Por isso, eu procurei te proteger todos esses anos, para que ele jamais nos encontrasse. Eu tinha medo do que poderia acontecer. Medo por mim e por você.

Gabriel era só ouvidos.

Agora, Catarina é quem amparava a filha, sabendo que as palavras que acabara de pronunciar teriam o efeito de uma bola de demolição, mas também tinha a sensação de que sempre carregou essa bola nas costas, vendo-se prestes a arremessá-la para longe de si. Durante anos sentia um aperto no peito toda vez que Amanda se vangloriava do pai, como herói, pois ela ficava penalizada sabendo do equívoco oriundo da ignorância sem culpa da filha.

Amanda procurava digerir a revelação.

– Quer dizer que tudo o que eu soube a respeito da cultura de sigilo e disfarce durante a era das operações de inteligência na atuação de combate aos comunistas brasileiros, envolvia o meu pai, como sendo um entre tantos personagens sórdidos aliados aos interesses do governo?

– Sim. – Admitiu Catarina – Inclusive, muitos dos que hoje posam de políticos defensores do povo, na época da Ditadura eram agentes da repressão. Na Guerrilha do Araguaia, por exemplo, os carrascos, chefes de departamentos, financiadores e comandantes de operações, eram chamados de doutores, e tinham codinomes para encobrir suas identidades.

Catarina levantou o rosto em direção a Gabriel.

– A propósito, o que você e seu pai querem com a gente?

O rapaz preferiu ser franco.

– Eu vim até aqui movido pela própria vontade. Eu sou apenas um filho que sofre por ver meu pai sofrer, desde que ele foi igualmente preso e torturado há cerca de quarenta anos. – Ele deu uma pausa, enquanto via Catarina suspirar com o que ele dizia – Hoje, ele é um velho debilitado, cego de um dos olhos e está morrendo aos poucos por causa de uma doença degenerativa. Sua vida está chegando ao fim e sei que ele não quer morrer sem antes falar com a senhora.

– Por quê? O que o policial que me deixou fugir teria ainda a me dizer?

– Será que ele sabe do que meu pai fez? – Amanda interveio.

Gabriel se aproximou, ajoelhando diante das duas.

– Dona Catarina, a senhora é mais vítima do que imagina. Todo o pesar que se abateu sobre sua vida e de Amanda pode ter sido um grande engano.

– Como assim?

– A senhora foi enganada! Arthur nunca lhe traiu!

31

Era quase meia-noite. Durante o trajeto entre a residência de Catarina e Amanda até o Aeroporto Internacional de Belém, o diálogo no interior do táxi se resumia em torno das condições do tempo e indagações partidas do falante motorista, que recebia de resposta palavras de concordância e murmúrios monossilábicos. Mãe e filha embarcaram no banco traseiro, ladeando o menino, enquanto Gabriel se encontrava ao lado do condutor desde a saída do hotel, até pegá-las em casa.



Aeroporto de Belém – Fonte: www.agenciapara.com.br

Ele contratou a companhia aérea via *on-line* e agendou a viagem para São Paulo, financiando as passagens. – É uma cortesia!

Catarina não tinha boas recordações das viagens de avião. Estava apreensiva.

As duas experiências ocorreram quarenta anos atrás. Primeiro, quando fugiu de São Paulo junto ao pai e outros revolucionários comunistas a bordo de um voo clandestino, num barulhento bimotor providenciado pelo desconhecido “Samango”. Lembrou-se de que aquela foi uma aventura com solavancos nada agradáveis. A segunda vez foi na volta a São Paulo, rumo à armadilha da repressão.

Na sala de espera, próximo ao portão de embarque, ambos assistiam calados através do vidro a movimentação dos aviões comerciais manobrando em terra. Fazia frio. Catarina sentia um agastamento no estômago.

De repente, o sistema de som emitiu um sinal, convocando os passageiros do próximo voo.

– Vamos! – Disse Gabriel.

A bordo da grande aeronave, os quatro tomaram a mesma linha de assentos.

Durante a decolagem, mãe e filha se deram as mãos olhando para o mar de luzes da cidade que ficava para trás. Estavam partindo cheias de esperanças por dias melhores.

32

Após quase duas horas de viagem, Amanda tentava lutar contra o sono. As luzes internas da aeronave estavam apagadas e os passageiros pareciam

manequins nas poltronas. O avião sobrevoava um trecho de floresta onde nada se via. Amanda cochilou. Gabriel e Arthurzinho já dormiam há tempos.

Catarina permanecia acordada, imóvel. Ela buscava nas lembranças mais remotas sinais que pudessem dar coerência às afirmações de Gabriel e desfazer a impressão ruim que ficou de Arthur quando alguém sussurrou ao pé do ouvido, dentro de um fusca fedorento, que ela foi usada e entregue por ele aos militares. A sombra da desconfiança ainda não tinha se dissipado. Diante disso, tentava imaginar uma infinidade de razões para qualquer que fosse a verdade. Perguntava-se se o homem que sempre amou e odiou era ou não um farsante.

Nunca esqueceu o dia em que foi surpreendida com a chegada alarmante de Arthur na casa de Ádna, onde ela estava abrigada:

– Temos que fugir! Eles vêm atrás de nós!

33

No horizonte, uma claridade serena começava a despontar, dando ao leste um tom suavemente dourado. O piloto cumprimentou novamente a todos pelo sistema de comunicação interna e solicitou que se preparassem para a aterrissagem. Amanda foi a primeira a abrir os olhos, sonolenta, observando a aproximação da metrópole enevoadada.



Cidade de São Paulo

Fonte: <http://nefpucsp.wordpress.com>

Depois do desembarque em Congonhas, os quatro tomaram um táxi da cooperativa do aeroporto. Gabriel avisou que passariam primeiro no prédio no qual trabalhava, na zona central, onde estava guardado o carro dele, e de lá seguiriam ao destino final. Ele sugeriu um itinerário específico para que pudesse apontar alguns atrativos no caminho, embora Catarina ainda guardasse na memória o aspecto daquela cidade que um dia deixou para trás com o pai. Mas estava curiosa para avaliar as transformações do espaço urbano, afinal mais de quarenta anos havia se passado e, logicamente, muita coisa havia mudado.

Para Amanda e o filho, São Paulo era novidade. Mal ela sabia que ainda tinha uma grande jornada pela frente, que a levaria a lugares jamais imaginados.

Imbuído do propósito da viagem, Gabriel chamou a atenção para um imponente prédio rosado, ao passarem pela Vila Mariana:



Antigo prédio do DOI-CODI de São Paulo – Fonte: flickr.com

– Ali funciona o Memorial da Resistência, onde antigamente era o temido DOI-CODI, um dos mais violentos centros de tortura da ditadura. Lá ocorreram inúmeras atrocidades. Os presos ou sequestrados eram tratados como subversivos, criminosos, sendo submetidos a torturas de todos os tipos que se possa imaginar: espancamento, afogamento, penduramento pelas pernas numa barra de ferro que chamavam de “pau-de-arara”, choques elétricos na barriga, nas genitálias, no sovaco, na boca... Até mesmo unhas arrancadas. Tudo para punir ou extrair informações sobre conspiradores.

Catarina concordava, sentindo repulsa. Sabia muito bem do que ele falava.

– E não eram apenas essas coisas que aconteciam nos quartéis. – Ela interveio – Muitas vítimas eram surradas até a morte e tinham os corpos ocultados pelos agentes da ditadura. Quando não davam fim aos cadáveres, simulavam suicídios para encobrir suas perversidades e enganar as famílias com Certidões de Óbito forjadas, como no caso do jornalista Wladimir Herzog, dentre inúmeros outros fatos ocultos nas sombras da história recente brasileira.



Wladimir Herzog morto no DOI-CODI

Fonte: www1.folha.uol.com.br

– E pensar que centenas dessas famílias até hoje continuam sem saber o paradeiro dos parentes desaparecidos... – Considerou Amanda.

Nesse momento Catarina lembrou da mãe.

Gabriel retomou:

– Existiam também grupos opressores que executavam essas ações fora do âmbito oficial, fazendo uso de locais clandestinos para a prática de tortura, execução e ocultação de cadáveres. Eram locais isolados, longe dos centros urbanos, geralmente sítios emprestados por simpatizantes corruptos e colaboradores do regime.

Catarina não disse nada, mas sabia a que ele estava se referindo.

– E ainda mais aterrorizante – Amanda ainda tinha algo a complementar – era que entre os torturadores havia psicopatas que se valiam do poder conferido a eles para praticarem atos como estupros e outros abusos contra mulheres.

Não passava pela cabeça de Catarina que a própria mãe, Alice Lehart, teria sido uma dessas vítimas.

34

O clima estava frio, o céu esbranquiçado. Tudo indicava que logo iria chover.

Gabriel se concentrava ao volante, depois de saírem do prédio onde funcionava a redação da revista na qual acumulava funções de repórter, redator e fotógrafo ao mesmo tempo; uma atividade prática e instigante, como ele mesmo definia.

Ele tinha trinta e seis anos e trabalhava ali há pelo menos cinco.

A oportunidade daquele emprego surgiu graças à perseverança e sensibilidade, além da virtude de bom observador, acompanhando a carreira do renomado fotógrafo do jornal que anos atrás registrou imagens dele na infância, quando morava na beira da estrada com os pais. O crédito da foto estava lá, junto da matéria de cunho sociológico, que tinha como teor a desigualdade social gerada pelo desenfreado avanço capitalista.

Desde então ele gravou o nome daquele fotógrafo. *Um dia vou encontrá-lo de novo!*

Enquanto cursava a faculdade de jornalismo e buscava se aperfeiçoar tecnicamente, estava sempre informado sobre eventos alusivos à profissão que tanto sonhava. E foi numa dessas que leu o nome de Geraldo Ortiz num cartaz afixado no painel de avisos da universidade, que divulgava o lançamento da exposição de fotografias artísticas promovida pelo mesmo. Gabriel compareceu e não perdeu tempo. A oportunidade estava ali, de frente para ele. Precisava cumprimentá-lo e usar as palavras certas.

– Com licença... Geraldo Ortiz?

– Sim, pois não?

– Parabéns! Prazer em reencontrá-lo. Meu nome é Gabriel.

O anfitrião franziu levemente as sobrancelhas.

– Desculpe, nós nos conhecemos?

– Sim, de muito tempo. Talvez há mais de vinte anos.

– É que eu não estou recordando...

Gabriel estava sorridente.

– Sou um grande admirador do seu trabalho. Acompanho sua carreira desde criança e, acredite, pela sua influência, descobri minha vocação para o jornalismo e para a fotografia. E já estou quase me formando.

Geraldo ficou orgulhoso, mas se perguntava se o jovem de aparência humilde não estava exagerando nas congratulações pela exposição.

– Obrigado, mas... de onde nos conhecemos mesmo?

– Lembra de uma vez em que você cobria uma reportagem para um jornal, sobre pessoas pobres que moravam nas margens da Rodovia Fernão Dias, sobrevivendo através de pequenas vendas de frutas?

O homem olhou para cima, consultando a memória.

– É, acho que estou lembrando, sim. Não me diga que você...

– Sim. Eu era um daqueles personagens. Cheguei até a fotografar com a sua câmera.

O fotógrafo chegou a se emocionar. Abraçou Gabriel. – Que bom revê-lo, rapaz. Você cresceu!

Após mais alguns minutos de prosa, Gabriel se despediu, recebendo um cartão.

– Procure-me! Estarei lhe esperando! – Disse Geraldo Ortiz.

No dia marcado, Gabriel visitou a redação da revista recém-criada e editada pela equipe comandada por Geraldo. Foi admitido como estagiário e não demorou muito para que conquistasse o seu lugar, tornando-se membro efetivo do quadro de profissionais. Seu talento fora reconhecido.

- - -

Conduzindo o *Fiat Weekend* sob a chuva fina para a saída da cidade, Gabriel tomava o caminho da rodovia que ligava São Paulo a Minas Gerais. Ao lado dele estava Amanda, ainda deslumbrada com as inéditas paisagens. No banco traseiro, Catarina estava pensativa, ao lado da criança que dormia profundamente.

Além de poder colaborar para o reencontro dos personagens daquela história, Gabriel tinha nas mãos a chance de produzir a sua grande matéria investigativa, comentada previamente com o chefe, que lhe deu apoio para embarcar na missão. O jovem não estava ali simplesmente no papel de jornalista, e sim como um dos protagonistas daquela saga iniciada nos porões da ditadura.

Catarina percebia que o cansaço a consumia. Ainda não tinha dormido desde que saíra de Belém. Os cinquenta e nove anos pesavam. Ela se encostou junto ao vidro do lado direito, olhando o que ia ficando para trás.

De repente, sem saber o porquê, teve a sensação de um *déjà vu*, a típica reação memorial instantânea que transmite a impressão de já ter vivido o que se passa no momento presente. Ela olhava para os lados, escutava o som do motor, inalava odores, absorvia o clima, tudo parecia lembrar algo já experimentado. Os olhos foram murchando, fecharam-se. Catarina caiu no sono.

Gabriel olhou pelo espelho e cutucou Amanda. Deixaram-na dormir, ao lado do neto.

A viagem prosseguia em ritmo uniforme.

Subitamente, imagens se acenderam no subconsciente de Catarina e ela sentiu o desconforto das mãos amarradas para trás. Os ombros doíam pelo alongamento forçado. A mordaca era amarga e apertava os cantos da boca. Não via nada. Dois homens fortes haviam enfiado sua cabeça num capuz quente. O ruído do motor era tudo o que escutava depois do “*Vamos dar uma volta!*”, quando a sequestraram na área dos hangares do velho aeroporto, enquanto esperava Arthur sair do avião que os trouxera do Pará. Havia sido jogada num banco fedido da traseira de um fusca.

O carro saiu em arrancada. Os vidros estavam fechados. Fazia calor.

Saíram da cidade. Chovia. Havia cheiro de mofo. A viagem às escuras já durava mais de uma hora.

O carro freou e dobrou à direita... Trepidação... A estradinha era de terra ou pirraça, com poças d'água.

Em dado momento, o carro parou. Uma porta foi destravada. Um dos homens desceu para abrir uma porteira pesada. Ouviu-se barulho de correntes e dobradiças. O carro avançou até parar de novo.

Alguém liberou a porta do fusca, inclinando o banco e puxando-a para fora. O coração de Catarina parecia uma britadeira.

– Levem direto pro porão! – Disse uma voz grave.

36

– **Chegamos!** Sejam bem vindas ao Sítio Bonança!

– Catarina pensou que ainda era o pesadelo, mas notou que a voz se pronunciava suave, educada.

Ela abriu os olhos e viu Gabriel convidando-a com gentileza para sair do carro. Arthurzinho e Amanda já estavam de pés sobre o chão gramado, ela endireitando a roupa e mexendo nos cabelos. À frente dava pra notar, através do para-brisas molhado, uma antiga casa avarandada, semiencoberta pelas plantas altas do jardim. Ouviu-se latidos ao fundo.

A chuva havia cessado e o sol apareceu num clarão.

Após se recompor, Catarina esquadrinhou o lugar e ficou estática.

– Vamos, mãe! – Disse Amanda, após pegar a mão do filho, percebendo que ela ficara para trás, hesitante – Mãe? O que foi?

Gabriel ficou na expectativa.

– É que... este lugar... – Gaguejou Catarina, com os olhos marejados.

– O que é que tem?

– Era a minha casa! – Disse, fitando a árvore alta, com as características flores de uma intensa cor-de-rosa, sombreando o velho celeiro arruinado ao longe.

Amanda ficou surpresa.

Gabriel resolveu tomar iniciativa.

– Fique calma, dona Catarina. Este lugar não é mais como a senhora viu da última vez. Vamos entrar e encarar o passado de frente. Vai ser bom! Confie!

A mulher não sabia o que pensar. Confiança era algo que não costumava cultivar. Tinha a sensação de que estava sendo atraída para uma nova armadilha e que tudo se repetiria. *Não... Os tempos agora são outros!*

Sentiu o cheiro da infância. O coração batia mais forte a cada passo em direção à casa de feitiço ruralista dos anos 20 e cheia de significados que só a ela cabiam.

– Tudo bem! Vamos, então!

37

– **Seu Salomão! Seu Salomão!** Acorde!

– O que foi? – O idoso despertou ainda com um livro sobre a barriga. Tinha lido até à exaustão. Estava na cama reclinável que ficava ao lado da janela cortinada do quarto.

– Um carro parou aqui em frente! Acho que é Gabriel chegando. – Disse Amália, animada.

Salomão sentiu uma pontada de adrenalina.

– Será que ele conseguiu trazê-las?

– Vou verificar.

– Primeiro me ajuda a passar para a cadeira. Vou me preparar enquanto você o recebe.

Ele não continha a ansiedade.

38

Enquanto seguiam Gabriel, subindo lentamente a escadaria de pedras cobertas de lodo, que dava acesso à área da varanda frontal da casa envelhecida, uma mulher apareceu na porta, sorridente.

– Filho! Que bom que chegou! – Amália falou em tom de receptividade – Bom dia! – Complementou, direcionando-se às visitas.

– Bom dia! – Ouviu de resposta, em duplicidade.

– Deixem-me ajudar com as malas! – Procurou ser solícita – Vocês devem ser Catarina e Amanda, não é?

As duas confirmaram. Catarina ficou mais tranquila, sabendo que a mãe de Gabriel estava lá. Não tinha ideia do que realmente a esperava.

– E você deve ser a pessoa com quem falei no telefone há alguns dias?!

– Sim, sou eu. Vamos entrar? O senhor Salomão está esperando!

Catarina parou, confusa.

– Esperem um pouco...

Todos se voltaram para ela.

– O que houve? – Perguntou Gabriel.

– Ela disse Salomão?

– Sim, meu pai se chama Salomão Weber! – Impetrou ele. Aquele sobrenome soou ainda mais aterrador, gerando uma onda de tensão.

– Você falou que vínhamos encontrar o seu pai, o homem de olhos azuis que me deixou fugir dos militares.

– Isso mesmo! Ele está esperando!

– É que... Salomão Weber...

Gabriel se aproximou.

– Dona Catarina, confie em mim! Vamos até ele! A senhora vai entender!

39

A porta se abriu, rangendo.

A atmosfera daquele local era fria e tinha fragrâncias do passado.

Depois dos outros, Catarina entrou.

A mudança repentina de luminosidade a deixou cega por alguns instantes. Quando as pupilas começaram a se dilatar, adequando-se ao ambiente da espaçosa sala de visitas, ela viu aos poucos os móveis tomarem nitidez.

Respirou fundo e sentiu palpitações quando notou formar-se à sua frente a silhueta de um homem. Era um velho, sentado numa cadeira de rodas, tinha barba e cabelos grisalhos e usava óculos escuros.

Os dois ficaram imóveis, olhando um para o outro por segundos intermináveis.

Gabriel foi até ele.

– Pai, estas são Catarina Veiga e a filha dela, Amanda, mãe do Arthurzinho.

O homem beijou a mão do jovem, emocionado. - Obrigado, meu filho! Você é mesmo um anjo!

Por conta própria, ele forçou com dificuldade as rodas da cadeira e as moveu até ficar frente a frente com Catarina, estendendo as mãos trêmulas.

Ela seguiu o instinto e pôs as mãos sobre as dele, olhando fixamente para aquele rosto enrugado e sem expressão, tentando reconhecê-lo por trás dos óculos e da barba.

– Lembra de mim? – Ele perguntou.

Ela ficou indecisa.

– Faz tanto tempo.

Ele tirou os óculos.

– E agora?

Catarina ficou perplexa, vendo aquela íris azul que contrastava com o outro olho esbranquiçado pela cegueira.

– É você mesmo! – Estava ofegante. Lembrava-se dos olhos do policial que a libertou. No entanto, havia algo que não compreendia: *Esse não é Salomão Weber!*

– Querida... Temos muito o que conversar!

40

– **Nem sei por onde começar!** – Argumentou Salomão, com a mão sobre o peito, como se estivesse querendo segurar a emoção.

Ele era alvo de todos os olhares ali presentes.

– Que tal me explicando por que me deixou fugir? – Catarina tinha uma infinidade de questionamentos acumulados por quatro décadas.

Salomão recolocou os óculos.

– Como eu poderia deixar que continuassem torturando alguém com o meu sangue?

Catarina ficou ainda mais estarecida. Amanda também.

– Você deve estar confusa por causa do meu nome. – Rotomou ele, dirigindo-se a Catarina.

– Sim. – Disse ela – Eu conheci Salomão Weber como sendo um dos amigos do meu pai; ambos foram mortos numa emboscada ao esconderijo deles no Araguaia.

– Pois bem...

Ele inspirou fundo.

– Eu esperei muito por este momento. Agora, eu tenho a chance de contar desde o começo.

– Por favor... – Disse Catarina, denotando ansiedade.

– O meu envolvimento na luta contra a repressão daquela época começou quando a minha família foi vitimada pelo terrorismo do Estado. Primeiro, por causa do meu pai... – Continuou – Pelo fato de ter criticado os militares, ele foi perseguido e exonerado do emprego, interrompendo uma carreira de vários anos. Após isso, ele se desgostou e se marginalizou através do alcoolismo, o que veio mais tarde provocar a morte dele. Depois, por causa da minha irmã, que estava envolvida com a resistência e foi sequestrada por agentes do governo, tornando-se mais uma entre tantos desaparecidos. O pior de tudo é que eu nem cheguei a conhecê-la, pois ela tinha sido roubada de minha mãe ainda criança...

De repente, Catarina se familiarizou com aquela história.

– Espere um pouco! – Ela o interrompeu – Você parece estar falando da minha família!

– Isso mesmo! – Ele replicou – Minha irmã era a sua mãe!

Catarina ficou abismada.

– Quer dizer que... você é o filho da minha avó, Ádna? Meu tio?

– Sim!

– Então... – Ela hesitou – Você é o Samango?

Salomão baixou a cabeça e assentiu com um pesar.

– Era como o seu pai me chamava. Um codinome.

– Você era o líder por trás das ações de meu pai?!

Uma profunda consternação se abateu sobre aquele rosto envelhecido.

– Lamento muito pelo que aconteceu com Armando! Até hoje me sinto culpado por tê-lo incentivado a embarcar para o Araguaia.

Ela ficou entristecida pela dor daquele velho enfermo. Mas ainda tinha uma dúvida que não lhe saía da cabeça:

– Não entendo porque você tem o mesmo nome do amigo de meu pai, morto na guerrilha.

Ele levantou o olhar.

41

– **Eu me apossei da vida de Salomão!**

Catarina segurou-se na cadeira.

– Por quê?

O velho teve que ser estratégico.

– Catarina, para que você e todos aqui me entendam, preciso que ouçam os motivos pelos quais se tornou tão importante este encontro... São muitas as angústias que vivi, sonhando em esclarecer as questões que nos afetam durante tanto tempo.

Todos silenciaram, compenetrados.

– Para começar, meu nome não é Salomão Weber. Eu me chamo Magno... Magno Fontenelle!

Gabriel ainda não sabia disso. Ficou tão surpreso quanto os outros.

Catarina acabara de receber uma confirmação ao lembrar que a avó havia citado esse nome.

– Sou ex-delegado da Polícia Federal! – Ele complementou.

Delegado Fontenelle...

– Então porque você assumiu o nome de Salomão? – Perguntou Amanda.

– Vocês vão entender, mas antes preciso que saibam o que aconteceu com Arthur!

Arthur? Catarina sentiu um frio na barriga ao ouvir falar do homem que sempre amou e odiou. Muitas incertezas ainda pairavam sobre as condutas dele no passado.

– A última vez que o vi – ela falou – foi quando chegamos a São Paulo e ele me deixou nas mãos dos dois agentes que me levaram para a tortura, enquanto ele se escondeu dentro do avião, sem coragem de me encarar, já que tinha feito um acordo com os militares!

O velho sacudiu a cabeça, em negativa.

– Não, Catarina. Arthur nunca traiu você!

42

– **Então me explique** porque ele me abandonou!

Catarina foi enfática.

– Você se refere ao episódio no aeroporto?

– Sim! Ele me deixou sozinha com aqueles homens e sumiu para sempre.

– Arthur também caiu numa cilada! – Retrucou – E foi justamente nesse momento que eu entrei em cena para tentar ajudar vocês.

– Como?

O homem se inclinou para frente.

– Como você sabe, infelizmente, todas aquelas perseguições estavam acontecendo porque os militares estavam na caçada pelo líder que fornecia armas para a resistência...

– E era você o tempo todo por trás de tudo!

– Sim. Era eu. – Suspirou, pesaroso.

– Eu não tinha como me manifestar – ele retomou -, pois eu era um simpatizante comunista infiltrado na Polícia. Pensava que estando entre os militares teríamos mais viabilidade para as nossas ações. Como delegado federal, aproveitei-me da minha função e influência na corporação para me associar aos órgãos da inteligência militar. Desse modo, estabeleci uma relação de parceria com o CIE, o Centro de Informações do Exército, visando monitorar as investigações. Foi assim que fiquei sabendo que eu tinha um opositor direto: um agente do CIE infiltrado entre os comunistas, delatando os conspiradores e encarregado de descobrir a identidade do líder, do qual tinha se chegado ao codinome Samango. Durante essa operação Armando foi morto e logo em seguida a mira dos militares recaiu sobre você e Arthur. Então fiquei sabendo que eles os localizaram no Marajó e os atraíram até São Paulo.

Catarina assentiu.

– Preocupado com o que poderia acontecer com vocês dois, - ele prosseguiu – procurei me integrar ao grupo que estava cuidando da prisão e dos procedimentos de interrogatório. Quando cheguei ao aeroporto, você já tinha sido levada. Mas Arthur continuava dentro do avião... Os homens do Exército e eu fomos recebidos pelo piloto, como já havia sido combinado.

– Ali está ele! – Apontou para um corpo jogado no chão do corredor.

– Arthur estava desacordado. – Magno seguiu com o relato, lançando o olhar para os demais presentes a sua volta – O piloto era um colaborador. Ele nos contou que quando os dois haviam entrado na aeronave estacionada, para procurar por pertences no porta-bagagens sobre o assento em o casal tinha viajado, encostou na cabeça de Arthur a ponta do cano frio do revólver.

Arthur se assustou.

– Calado! Se tentar alguma coisa, ela morre! – Ameaçou rispidamente o piloto. E antes que Arthur pudesse esboçar qualquer reação, recebeu um choque violento na parte de trás do crânio. A coronhada logo o fez perder os sentidos. O piloto foi até a porta e sinalizou que estava tudo certo. O fusca se foi, levando Catarina. Em seguida, nós chegamos e entramos no avião!

43

– Ei rapaz, tá na hora de acordar!

Um dos homens fardados pisou sobre o peito de Arthur e deu uma sacudida.

Ouviru-se um gemido e Arthur começou a se contorcer por causa da dor de cabeça. Abriu os olhos e se assustou ao ver vários pares de coturnos pretos.

– O que houve? Cadê a Catarina? – Ele disse.

O militar deu uma risada sarcástica.

– Sua namoradinha foi dar uma volta. Agora é a sua vez. Bem-vindo ao Inferno!

– O quê?

O major se dirigiu aos outros:

– Homens, vamos levá-lo para o DOI-CODI!

– Não! – Arthur gritou, esbravejando. Sabia muito bem o que esperar daquele local. O Destacamento de Operações de Informação (DOI), era um órgão do CIE, com participação das polícias militar, civil e federal, que visava combater através da inteligência investigativa, os inimigos internos da segurança nacional, ou seja, os opositores da ditadura. Na verdade, aquela instituição era sinônimo de local de torturas, sumiços e assassinatos.

44

– **Eu não sabia como agir!** – Falou o homem que acabava de deixar a todos em clima de comoção.

Catarina escutava com passividade e lágrimas nos olhos.

– Você e Arthur foram separados! Ele foi levado para o DOI-CODI e você para este mesmo sítio, que na ocasião estava sobre o domínio dos militares, onde descobriram o arsenal que Armando guardava num compartimento secreto no subsolo do porão que havia abaixo do celeiro. Esse mesmo porão, então, foi adaptado com instrumentos para a prática de torturas.

– O que aconteceu com meu pai? – Amanda indagou, enquanto Gabriel, ao lado dela, observava sua inquietação.

O idoso tomou fôlego e passou a mão na barba.

– Diante daquele impasse, eu tinha que escolher para que lado correr. Então decidi salvar Catarina! Quando cheguei ao sítio, à noite, ela estava encapuzada e sendo interrogada a peso de maus-tratos. Já tinha levado várias bofetadas, mas eu não podia simplesmente impedir. Então me fiz passar por carrasco e sugeri que ela deveria ser morta, pois os torturadores estavam cada vez mais irritados com as negativas dela a respeito do líder. Até que um deles lhe aplicou uma coronhada. Diante disso, peguei-a pelo braço e disse a eles que eu mesmo iria apagá-la, levando-a para os fundos do sítio, onde eu atirei contra o chão simulando a execução. Em seguida, deixei Catarina fugir! Enquanto isso, Arthur certamente estava sofrendo o pior tratamento que se pode dar a um ser humano quando querem arrancar dele uma informação. E o pior de tudo: ele também não sabia quem era o líder, embora eu o conhecesse muito bem através do que Armando me contava nos nossos encontros ultrassecretos. Aliás, dessa forma eu fiquei sabendo que Arthur se envolveu na luta não só pela causa comunista e porque se apaixonou por Catarina, mas ele também tinha um motivo pessoal...

– Que motivo? – Perguntou Catarina.

– Ele queria conhecer o carrasco que estuprou a irmã dele e se vingar!

45

– Arthur tinha uma irmã?

– Sim. Ela era uma jovem estudante uruguaia, chamada Graciela, que veio para o Brasil cursar faculdade. Foi sequestrada quando participava de manifestações no centro de São Paulo, em 1968.

– Como a minha mãe! – Adicionou Catarina.

– Com a sua mãe! – Corrigiu o homem.

– Como disse?

– Quando ela foi levada, estava na companhia da sua mãe. As duas foram conduzidas até o DOI-CODI, onde foram coagidas e aterrorizadas por agentes do CIE.

– Meu Deus!

– Durante vários dias, elas ficaram sofrendo pressões e abusos. A irmã de Arthur, como não tinha muito a revelar, foi violentada sexualmente por um dos carrascos e abandonada na escuridão de uma estrada deserta. Logo, ela traumatizada, voltou para o Uruguai. Por isso, Arthur largou os negócios da família e veio para o Brasil, a fim de identificar e matar o homem que desgraçou a vida da irmã dele. Assim, ele conheceu Armando, marido da professora desaparecida, e se aliou aos comunistas.

– E quanto à minha mãe? – Questionou Catarina.

– Bem... – Ele hesitou – Infelizmente, por não aguentar mais apanhar e sofrer com os choques elétricos que lhe aplicavam enquanto insistia em mentir, para encobrir as conspirações em que estava envolvida com Armando, Alice não teve escapatória. Deram sumiço na minha irmã. Apesar de ter se sacrificado para proteger o marido e a filha, os *homens* já tinham chegado ao nome dele, depois de revistarem os documentos dela. Daí foram iniciadas as investigações sobre Armando, com suas consequências. Isso aconteceu justamente no momento em que eu tanto procurava por ela, para satisfazer um desejo antigo de minha mãe, Ádna. – Lamentou – Porém, encontrei as pistas nessas circunstâncias. Era tarde demais. Então procurei Armando, para juntos combatermos a repressão e vingar o desaparecimento de Alice. A minha primeira providência foi me aproximar do CIE, tanto para estar ciente das operações quanto para tentar descobrir os responsáveis pela prisão dela. Fiz o que pude em contribuição ao reforço da resistência, articulando grupos clandestinos e fornecendo armamento, que eu desviava de depósitos de apreensões da Polícia para os movimentos de guerrilha, principalmente

no Araguaia. Para isso, foi necessário um pseudônimo ao líder. Armando sugeriu “Samango”, que na época era uma palavra popularmente associada aos homens da Lei, embora também tenha variações de significância bem mais pejorativas.

Amanda estava ansiosa para falar.

– E quanto ao meu pai?

46

O idoso já falava ofegante.

Chegava a hora de relatar o início da pior experiência pela qual já tinha passado.

– Depois de salvar Catarina, eu me vi na obrigação de socorrer Arthur. Era uma questão de honra... Ao amanhecer, fui ao DOI-CODI e o encontrei nu, ensanguentado, numa cela quente e apertada, chorando por ter recebido dos militares uma surra seguida da notícia de que Catarina fora assassinada no sítio. Ao me apresentar ao comando, falei que eu tinha sido mandado para levar o prisioneiro para o sítio, onde ele deveria receber um tratamento mais severo e longe de qualquer possibilidade de intervenção. O major baixou os óculos escuros e me fitou com a sua típica dureza. Disse que eu poderia levá-lo, mediante uma escolta. Fiquei desapontado.

– E o que você fez? – Perguntou Amanda.

– Saímos de lá numa viatura militar, dirigida por um soldado; eu no banco do carona e atrás Arthur, encapuzado e algemado com as mãos nas costas. Em outro carro, logo em seguida, iam outros dois soldados. Eu estava tenso – continuou – e

determinado a tomar uma atitude, nem que para isso eu tivesse que me sacrificar, pois eu era ciente de que muitas pessoas inocentes já tinham pagado por minha causa... A viagem seguia e, num trecho deserto da estrada, resolvi agir: saquei a arma e apontei para o peito do soldado no volante. Arthur se agitou, sem saber o que estava ocorrendo. Antes que o motorista pensasse em alertar a escolta, eu engatilhei a arma. Ordenei que continuasse dirigindo. Enquanto eu segurava firme a pistola, com a outra mão peguei a chave da algema e falei para que Arthur se virasse, a fim de que eu pudesse alcançar. Com dificuldade, consegui libertá-lo, e ele retirou o capuz. A movimentação dentro do veículo e a irregularidade da aceleração chamou a atenção dos homens que nos seguiam. Olhei pelo espelho e vi que eles esticavam o pescoço tentando visualizar o que estava acontecendo. De repente o soldado reagiu, tentando tomar a minha arma, descontrolando a direção. No ato, meu dedo se contraiu e houve um disparo seguido de um grito. O carro atravessou a pista e trepidou no acostamento da contramão. Por sorte não colidimos com um caminhão. O homem ao meu lado já estava definhando em gemidos. Então eu lhe apliquei uma coronhada na têmpora e ele apagou de vez. O carro parou ao bater numa árvore. Rapidamente abri a porta e o empurrei desfalecido para fora, assumindo seu lugar no banco ensanguentado. Arthur não estava entendendo nada. Ainda assim ele gritou:

– Os homens estão vindo!

Olhei para o outro lado e vi dois soldados com armas em punho saindo da viatura, correndo em nossa direção. Engatei a ré para me desvencilhar do obstáculo. Depois dei com a alavanca para a marcha de arrancada e enfiei o pé no acelerador, saindo na contramão em meio a uma sequência de tiros que atingiram a lataria. Os homens voltaram correndo para a viatura deles e arrancaram do outro lado da estrada, com as sirenes acionadas. Corríamos quase que paralelos. Arthur passou para o banco da frente e eu lhe entreguei a pistola. Ele confuso e sem ao menos saber quem eu era, não hesitou em pegar a arma e revidar contra os perseguidores, alvejando o capô. Logo avistei uma confluência e dobrei para um ramal de terra. Na curva, um tiro veio de trás e estilhaçou o vidro. Eles atravessaram e seguiram na nossa cola levantando poeira. Estampidos ecoavam enquanto eu ziguezagueava. Arthur contra-atacou de novo a esmo, acertando a frente da outra viatura. O

desespero não dava espaço para conversa. Ficamos sem munição, e foi então que me dei conta de que não teríamos chance de escapar. Após mais um ou dois quilômetros percorrendo uma linha reta em meio a uma zona descampada, eu reduzi e parei! Tudo ficou silencioso, enquanto a poeira baixava lentamente. O sol estava escaldante.

– Porque você parou? – Arthur perguntou.

O outro carro freou a uma distância de mais ou menos cinquenta metros de nós. Os homens desceram com armas em punho e tomaram posição, protegidos atrás das portas abertas.

Arthur e eu permanecíamos agachados dentro do carro.

– Você sabe dirigir? - Perguntei a ele.

– Sim! Por quê? – Ele respondeu.

– Aguarde o meu comando! – Finalizei.

Nessa hora, eu abri a porta e ergui as mãos para fora.

Eles deram um tiro de advertência, que ricocheteou nas pedras perto do meu pé. Mas eu continuei.

– O que você vai fazer? – Arthur falou.

– Apenas faça o que eu disser! – Sussurrei – Então me despedi dele: – Espere o meu sinal e fuja!

Antes de eu dar o primeiro passo, ele indagou:

– Mas quem é você afinal? Porque está fazendo isso?

Parti.

– Me chame simplesmente de Samango!

Ele me olhou boquiaberto enquanto eu caminhava com os braços levantados, sob a mira dos soldados. Ao me aproximar do carro deles, notei que os tiros de

Arthur tinham atingido o radiador, que estava vazando. Nessa hora eu constatei que eles não teriam mais como continuar e lamentei por mim.

– Fuja! – Gritei.

Depois de uma certa hesitação, Arthur saiu cantando pneus e desapareceu na poeira. Essa foi a última vez que o vi. E eu sequer tive tempo de dizer a ele que Catarina estava viva e que estava esperando uma criança.

47

– **Isso quer dizer que** meu pai pode estar vivo, sem saber que eu existo?!

Os olhos de Amanda brilhavam.

– É possível. – Concordou o idoso.

Catarina se emocionou, caindo num choro que se misturava com um largo sorriso. Amanda se levantou e abraçou a mãe, igualmente feliz.

Alguns instantes se passaram, sem que uma palavra fosse pronunciada.

Amália achou melhor se manter neutra, mas não menos sensibilizada pelo que ocorria ali, e tratou de distrair Arthurzinho que, entediado, não parava quieto no sofá. Ela se retirou, carregando-o no colo, para mostrar-lhe os antigos brinquedos de Gabriel.

Gabriel e Magno se entreolhavam à distância. Agora a admiração do filho pelo pai adotivo tomava proporções ainda maiores.

O jovem saiu de onde estava e atravessou a sala em direção ao cadeirante. Diante dele, ajoelhou-se, pegou a mão direita frágil e trêmula do idoso e a beijou.

– Pai, você é o meu herói!

Magno fechou os olhos por vários segundos.

– Obrigado, meu filho!

Ele, quase sem voz, ainda segurando a mão de Gabriel, lançou um olhar afável para as mulheres ali presentes.

– Catarina!

Ela o encarou com seriedade.

– Me perdoe! – Ele disse.

A mulher se dirigiu até ele. Gabriel se afastou devagar para deixá-los a sós e se juntar a Amanda, que tinha ido até a varanda para contemplar, ainda com lágrimas nos olhos, o cenário que por muitos anos se manteve preservado como pano de fundo para aquela história conturbada.

Gabriel se aproximou lentamente e se pôs ao lado dela, ambos apoiando as mãos do guarda-corpo de madeira, olhando silenciosamente na direção das serras distantes.

– Tudo bem? – Ele iniciou.

Antes que falasse qualquer coisa, Amanda baixou a cabeça e respirou fundo. Depois, virou-se de frente para ele e abriu os braços.

Instintivamente, Gabriel foi recíproco.

– Obrigada por tudo! – Ela falou – Agora eu estou começando a me conhecer!

– **Não há o que perdoar!**

Catarina emanava um semblante tranquilo.

– É que me sinto responsável pelo mal que se abateu sobre você e seu pai.

Ela pegou uma cadeira e sentou de frente para o idoso deficiente.

– Você apenas lutou contra o que achava errado, como meu pai e as pessoas que estiveram com ele na resistência. Penso que você fez o que pôde para salvar a sua família, não é mesmo, tio?

Pela primeira vez em tanto tempo, Magno escutava uma expressão que dava referência de parentesco sanguíneo, desde que falou com a mãe pela última vez, antes de se envolver determinantemente nas ações clandestinas de combate à repressão militar dos anos 70.

Embora aliviado pelo esclarecimento sobre as controvérsias instauradas sobre a vida daquelas pessoas queridas, tinha que se preparar para mais revelações bombásticas que ainda viriam à tona.

Aquele abraço parecia não querer se desfazer. O perfume de Amanda aliado ao clima frio deixou Gabriel inebriado. Ela, por sua vez, teve naqueles instantes uma sensação de conforto e amparo.

De repente, os dois perceberam o acelerar de suas pulsações e se afastaram, meio sem jeito e semissorridentes.

– Eu lhe falei desde o começo que nossas vidas estavam entrelaçadas.

Ela sorriu.

– É... As coisas estão se colocando no lugar.

Gabriel olhou nos olhos dela.

– Mas ainda há muito o que se esclarecer.

– Eu sei disso!

Ele virou o rosto para o outro lado e chamou a atenção dela para um ponto do sítio tomado pelo mato alto.

– Está vendo aquele celeiro ao fundo?

– Sim. O que é que tem?

– Meu pai nunca me deixou entrar lá. Acho que ele esconde alguma coisa naquele local que tem a ver com o passado dele.

Amanda arqueou uma sobrancelha.

– Pelo que eu ouvi, lá havia um porão que foi usado pelos militares como calabouço de torturas.

Gabriel acrescentou:

– Sei também que no subterrâneo do porão havia um pequeno compartimento secreto, onde seu avô, Armando, escondia as armas e munições roubadas da Polícia.

– Ainda existem coisas que estão muito confusas.

Ele concordou.

– Sabe... De repente fiquei me perguntando... De que maneira isso tudo se desenrolou após a prisão do meu pai e como o senhor Magno se apossou deste sítio?

– Eu já tinha pensado sobre isso. Quero muito saber.

Gabriel retomou, dando uma olhada rápida para dentro da casa, onde Magno e Catarina continuavam dialogando frente a frente, ainda emocionados.

– Temos que respeitar a vontade dele de contar ou não. Acho que daqui em diante teremos tempo suficiente para que isso se revele naturalmente. Pelo menos uma grande carga de aflição foi amenizada hoje, dando um pouco de sossego espiritual a ele e a sua mãe.

Mas Amanda, nos últimos minutos, tinha uma ideia fixa que resolveu compartilhar com Gabriel.

– E se nós encontrássemos o meu pai?

– Arthur?

50

– **Antes de minha avó morrer**, ela me pediu duas coisas...

– O quê?

Catarina se ergueu e envolveu o fragilizado idoso em seus braços.

– ...Que eu lhe abraçasse!

– Ó, minha querida...

Nesse momento, Gabriel e Amanda se reaproximaram.

– Em que ano ela morreu? – Magno perguntou.

– 1978, em Porto Salvo.

– Que pena! Não tive oportunidade de me despedir da minha mãe. Em 78, eu ainda estava preso, vivendo atrás dos portões do Inferno.

Voltando a sentar na cadeira, consternada, Catarina fez cara de lamento.

– O que foi? – Magno percebeu sua hesitação.

- É que... antes de partir, minha avó havia escrito uma carta, para que eu lhe entregasse. Infelizmente, perdeu-se no tempo. Eu a guardava com muito zelo, mas durante a construção da casa nova, em Belém, no lugar da que foi deixada para mim, a carta desapareceu.

O idoso se entristeceu.

– Gostaria de ter lido as últimas palavras dela para mim.

Amanda se manifestou, sorridente.

– E se eu disser que a carta não se perdeu, e pode ser lida aqui e agora?!

– Todos se voltaram para ela.

– Você a tem? – Perguntou Catarina, surpreendida – Como adivinhou que precisaríamos dela? Você sequer sabia quem viríamos encontrar!

Amanda estava enigmática.

– Gabriel, você tem acesso à Internet aqui?

– Sim. – Ele respondeu, indo em direção à mochila, onde estava guardado o seu *tablet*, e aproveitou para pegar a câmera fotográfica na intenção de registrar aqueles momentos históricos de família.

Amália voltou à sala e informou que estava preparando um almoço especial. Logo, foi puxada pelo braço para se incluir no enquadramento da lente de Gabriel.

Magno e Catarina, após vários *clicks*, assistiam impassíveis ao jovem manuseando o aparelho compacto que acabara de ligar. Ambos estiveram por tanto tempo presos ao passado que ainda tinham dificuldades de se adaptar e compreender as tecnologias contemporâneas.

– O que eu faço agora? – Perguntou Gabriel.

– É só acessar o meu *blog*, na seção de documentos escaneados. – Orientou Amanda junto a ele, passando o dedo indicador de um lado para o outro do visor *touch screen* do *tablet*, deixando os mais velhos curiosos.

– Aqui está! – Ela separou o polegar do indicador para ampliar a imagem e entregar ao idoso.

Catarina esticou o pescoço para olhar.

– É a carta mesmo! Como é que foi parar aí dentro?

Amanda riu.

– É só uma digitalização da carta original que eu encontrei entre as suas coisas durante a reforma da casa. Mas não se preocupe, que a de papel está bem guardada.

Magno, então, levantando os óculos e estreitando o único olho que ainda enxergava, deleitou-se em saudade, lendo as ternas palavras de Ádna.

– Quero ir atrás do meu pai!

Amanda declarou aquilo observando o comportamento de Catarina, para ver se causaria alguma reação. Ela, por sua vez, não sabia o que dizer, olhando irresoluta para Magno, esperando sua opinião.

– Não sabemos onde encontrá-lo, nem se ainda está vivo! – Ele falou.

– Mas não há nenhuma pista do destino que ele possa ter tomado quando fugiu?

O idoso refletiu.

– Na prisão, eu soube que a viatura em que ele fugiu foi encontrada dias depois da fuga, abandonada num matagal, a uns vinte quilômetros daqui. Provavelmente, ele chegou à rodovia e conseguiu tomar um rumo desconhecido.

– Ele era uruguaio. Será que voltou para o país dele? – Especulou Amanda.

– É a hipótese mais possível.

– Mas não temos referências! O Uruguai, apesar de pequeno, tem dezenas de cidades e quase quatro milhões de pessoas. – Impetrou Gabriel.

– Eu sei onde ele pode estar! – Afirmou Catarina.

– Onde, mãe?

– Bem... Certa vez, ele me disse que era de uma cidade próxima à fronteira com o Brasil, chamada Rivera!

– Rivera?! – Amanda repetiu, enquanto Gabriel, tendo de volta o *tablet* nas mãos, vasculhava o *Google* atrás de informações sobre a cidade.

– Na época, a família dele tinha uma loja chamada “Casa Navarro” – Complementou Catarina.

- Podemos partir amanhã! – Gabriel falou com determinação.
- Oi?! – Amanda ficou admirada.
- Sim! Eu vou com você!

52

Correndo a 90 km por hora, pela BR 116, a rodovia mais longa do Brasil, em direção ao Sul, Gabriel dirigia ao lado de Amanda, ao som de uma seleção de clássicos da MPB setentista. O sol estava brando e fazia muito frio. Ainda tinham pela frente cerca de quinze horas de viagem até Porto Alegre, onde deveriam fazer uma parada para descanso e depois retomar o caminho para a fronteira com o país vizinho. No trajeto, Amanda se maravilhava com as paisagens, sabendo dos muitos atrativos adiante, embora a viagem fosse objetiva, movida pela ansiedade de chegar ao destino e procurar por pistas de Arthur.

A aventura com Gabriel representava para Amanda uma experiência revigorante para alguém que sempre conduziu a vida paralela a uma rotina cotidiana que girava em torno da casa e do trabalho. *Gabriel é mesmo um anjo!*

Ela olhou para ele pelo canto dos olhos, num sorriso contido. Ele percebeu.

Depois de deixar o sítio, bem cedo, despedindo-se do filho Arthurzinho, que ficara aos cuidados de Catarina, ela sentia uma força positiva tomando conta do seu mundo. Era entusiasmante ver a mãe finalmente sorrir.

- - -

Catarina estava de volta às raízes. Jamais imaginou que um dia poderia revisitar o lugar que tanto encantou a sua infância, pela própria essência que

reacendia a nostalgia e a adolescência, quando experimentou com Arthur sentimentos apurados da alma e do corpo.

Agora ela esquecia um pouco o passado ruim e aspirava as lembranças do que viveu de bom, podendo novamente contemplar os detalhes do interior da casa antiga, ainda mantendo os mesmos aspectos que tinha há quarenta anos, assim como a imensidão exterior, tendo a oportunidade de caminhar e ver o neto correndo pelos vastos jardins sobre o terreno gramado, tocar o velho jambeiro, avistar por detrás do mato alto o que ainda restava do arruinado celeiro, perto do qual eram mantidos os cães, e se distrair com o horizonte que se esfumava na névoa das serras.

Regressando do agradável passeio com Arthurzinho e a companhia de Amália, Catarina subiu as escadas e encontrou Magno na cadeira de rodas sob a sombra da varanda.

– Está gostando de estar aqui de novo? – Ele perguntou.

Ela sorriu.

– É mágico! Recordo os meus pais.

O idoso emanava serenidade.

– Saiba que eu mantive este lugar sempre do mesmo jeito, porque eu tinha esperança de um dia tê-la aqui e lhe proporcionar tudo o que você está sentindo agora!

Catarina deu um beijo em sua testa.

– Obrigada, tio!

– Ah, o que é isso! Eu estou tão feliz quanto você.

Mas Catarina ainda estava intrigada, tentando achar explicações de como Magno conseguira tomar posse do sítio, recuperando a propriedade que pertenceu ao seu pai e que, quatro décadas atrás, fora confiscada pelos militares. Porém, mesmo ardendo de curiosidade, achava melhor curtir a tranquilidade e não remexer, ao menos por enquanto, nos acontecimentos negativos do passado. Ambos

esperariam pelo resultado da busca de Amanda e Gabriel por notícias de Arthur; além do mais, desconfiavam que a aventura dos dois, a sós, tinha outras justificativas.

53

– **Você não imagina** o quanto eu estou contente! – Disse Amanda. – Tenho a sensação de que a minha vida daqui pra frente não será mais a mesma!

Gabriel, no volante, soltou uma das mãos e por alguns segundos pousou-a sobre as costas da mão dela. Amanda devolveu um sorriso.

– Fico feliz por você!

– E você, o que está achando disso tudo?

– Empolgante! – Ele respondeu – Além de estar realizado por ter conseguido promover um encontro de gerações e ver meu pai menos angustiado, ainda posso ajudar você a conhecer suas raízes uruguaias, além do mais esta história pode representar um grande favorecimento à minha vida profissional, pois estou articulando uma matéria especial para a revista: “Estigmas dos anos de chumbo!”

– Você deve gostar mesmo de exercer o jornalismo!

– É a linha que o meu lado vocacional seguiu desde criança.

– Legal! Eu também, mas com um tipo de mídia diferente, sou de certa forma, jornalista, através do *blog*.

– Verdade. A comunicação é algo incrível, pois além de informar, o jornalista é um dos maiores formadores de opinião no meio comunitário e agente direto da democracia moderna.

Amanda olhou para ele com admiração.

– Aliás... – Gabriel prosseguiu – Através do seu *blog* eu achei algumas curiosidades sobre a ditadura que me chamaram a atenção.

– O que, por exemplo?

– Como o artigo em que você comenta a repressão à produção cultural da época.

– Era horrível mesmo ser artista, político esquerdista ou jornalista e não ter a liberdade de se expressar. Mas há quem diga que essa censura à intelectualidade foi positiva, pois forçou o surgimento de diferentes estilos autorais e movimentos musicais, como a Tropicália.

– Faz sentido, pois os compositores e músicos começaram a voltar suas canções para o âmbito político e social, mas quando sofreram com rigorosas represálias, passaram a desenvolver letras mais metafóricas, com mensagens subliminares de repúdio. Mesmo assim, a censura, principalmente depois da publicação do AI-5, em 1968, começou a deter, interrogar e até torturar artistas famosos, para forçá-los a esclarecer suas palavras ou se retratar mediante o corpo militar, sendo que muitos deles foram compulsoriamente mandados para fora do Brasil.

– Daí o surgimento do Tropicalismo, que, embora os artistas não falassem abertamente em tom de protesto, faziam isso através do comportamento de deboche e ironia, refletido nos gestos, nas vestimentas exóticas e nas experimentações musicais, bastante estranhas para os padrões da época. – Amanda argumentou – Já nos anos 80, surgiram as bandas de rock de protesto, inspiradas no movimento *punk* britânico.



Tropicalistas

(Foto: Paulo Salomão).

Fonte: veja.abril.com.br

– Hoje, para muitos que viveram na pele os tormentos da ditadura, os maiores clássicos da MPB, como *Cálice*, *O Bêbado e o Equilibrista*, *Mosca na Sopa*, *Pra não dizer que não falei das flores*, entre outras, são também recordações de lutas e hinos simbólicos de um dos períodos mais importantes da história brasileira, que não merece ser esquecido, mas reparado.

– Outras também refletem o sentimento em relação aos exilados, como *London, London*, *Debaixo dos Caracóis dos seus Cabelos*, *Aquele Abraço* e outras tantas.

Eles sorriam, percebendo o quanto tinham em comum. Gabriel e Amanda eram antenados às mesmas coisas e estavam se ligando cada vez mais um ao outro, apesar da inexpressiva diferença de idade, já que Amanda tinha 40 e ele 36.

– Mas me diga: – qual dessas canções lhe causou mais curiosidade?

Ele olhou para o *display* do sistema de som do carro.

– Vou já lhe mostrar... – Avançava algumas faixas, procurando por uma música específica – Está aqui!

Tocava uma bossa letrada pelo poeta Vinícius de Moraes e interpretada por Toquinho, intitulada estranhamente como “*A Tonga da Mironga do Cabuletê*”.

Amanda riu.

– Essa música é hilária!

– Sacada de gênio.

– Verdade. Já que a metáfora não era suficiente para camuflar as críticas, eles resolveram *tirar sarro*, recorrendo a uma língua desconhecida para os militares, um dialeto africano, em que a expressão tem sentido de xingamento. E assim termina a letra, mandando todos para a *Tonga da Mironga*...

Os dois caíram na gargalhada.

Já caía a noite quando Amanda e Gabriel chegaram à capital do Rio Grande do Sul. A viagem fora estafante, mesmo os dois tendo alternado o comando do volante.

Enquanto reabasteciam o carro, ela aproveitou o *wi-fi* do posto de combustível para fazer uso do *tablet* de Gabriel e consultar as disponibilidades da hotelaria local. De repente lembrou-se do *notebook* que esquecera em Belém e se deu conta do quanto lhe fazia falta.

- - -

Na sacada do hotel, após a etapa embaraçada dos procedimentos de registro, quanto à conveniência de se instalarem na mesma suíte, Amanda ajustava o zíper até a gola alta do casaco ao se arrepiar com a brisa fria trazida do rio Guaíba, *que tecnicamente é um grande lago*, e contemplava o clarão acima da cidade, ao passo que se deixava atrair pelo som distante da boemia da Cidade Baixa.



Porto Alegre

Fonte: espacoturismo.com

– O que acha de descermos e darmos uma volta pela noite? – Sugeriu Gabriel.

– Seria bom!

Depois de caminharem entre diversos bares abarrotados de jovens universitários, artistas e intelectuais que jogavam conversa fora, num chiado de vozes com o característico sotaque *gauchês*, Amanda e Gabriel encontraram uma mesa vazia na área mais afastada e tranquila, onde sentaram e pediram uma bebida sugestiva ao ambiente. A noite, embora bem mais fria do que Amanda estava acostumada, era agradável e propícia ao lazer.

– Quem poderia imaginar que eu estaria hoje aqui, neste mundo tão diferente e paradoxo ao que eu sempre vivi, no Norte?! – Amanda observou.

– Para mim também é novidade.

– Um lugar bonito e uma boa companhia... O que mais eu poderia querer?

Gabriel tomou um gole, pousou a taça e juntou as mãos sob o queixo com os cotovelos na mesa, lançando um olhar penetrante nos olhos dela.

Amanda ficou ligeiramente tímida.

– O que foi?

– Nada, só estou admirando.

Ela sorriu.

– Você quer me dizer alguma coisa?

Ele tomou fôlego.

– Na verdade, tem algo que eu quero lhe perguntar, já faz tempo.

– Sinta-se à vontade.

– Você tem alguém?

– Você quer dizer um namorado?

– Mais ou menos isso!

– Não, não... Ultimamente tenho tido pouca sorte para relacionamentos.

– E o pai de Arthurzinho?

Ela soltou uma risada.

– Arthurzinho não é meu filho biológico!

Aquela revelação deixou Gabriel boquiaberto.

– Quer dizer que ele é adotado?

– Digamos que sim... – Ela explicou – A mãe dele era minha paciente.

– O que houve com ela?

– Era uma mulher pobre, problemática, usuária de drogas, que teve uma gravidez indesejada, pois o companheiro era um narcotraficante, preso por tê-la violentado. Na cadeia, ele foi morto por causa de atritos com grupos rivais. Ela, então, foi acompanhada pelo Poder Público, e encaminhada para tratamentos toxicológico e psicológico. Eu cuidei do caso dela e nos afeioamos bastante, por maiores que fossem as dificuldades, pois o grau de dependência química dela era deteriorante, pondo em risco a integridade do bebê. Mas eu a incentivei a levar a gravidez até o fim, oferecendo ajuda financeira com meus próprios recursos... Porém, depois que o menino nasceu ela teve uma recaída e me propôs que eu ficasse com o filho dela. Aquilo foi um grande dilema em minha vida. Eu tinha plena consciência das responsabilidades e das renúncias necessárias para poder criar uma criança, ainda mais sabendo que a mesma poderia apresentar problemas de saúde e a possibilidade de tendência a dependência química, já que a mãe se drogava enquanto grávida.

– Puxa! Você ficou numa enrascada!

– Fiquei. Crianças geradas por mulheres viciadas em entorpecentes, tem pré-disposição a um comportamento de abstinência, com sonolências, falta de apetite, hiperatividade, *stress* e coisas do tipo.

– Por isso Arthurzinho é tão agitado.

– Sim. Mas eu optei por ficar com ele.

Ao mesmo tempo em que eu hesitava, ficava imaginando que futuro ele teria, se fosse criado por ela. Então eu decidi aceitar o desafio. Hoje eu o amo. Ele é meu filho.

– Antes de conhecer você, considerando seu trabalho desenvolvido voluntariamente no meio virtual, eu tive a percepção de que você era uma pessoa altruísta, que pensa no bem dos outros, como fez com o menino.

– Como ele sequer tinha nome, eu o batizei em homenagem ao meu pai.

– E a mãe biológica?

– Meses depois do nascimento, ela já estava fora de controle, completamente jogada no submundo das drogas. Morreu de overdose.

– Que história triste!

– É... Mas a vida acha um jeito de compensar os males.

Gabriel ficou pensativo.

– Tiro por mim.

Amanda esboçou estranheza, encolhendo os ombros.

– Como assim?

– Eu também sou adotado!

Ela franziu o cenho.

– Você? Adotado?

– Sim. Minha mãe e eu fomos amparados pelo Sr. Salomão, ou melhor, Magno, depois que meu pai biológico e meu irmão mais velho morreram atropelados na rodovia onde morávamos.

Amanda demonstrava perplexidade.

– E eu cheguei a pensar que éramos parentes de sangue. Que minha mãe e você eram primos!

Os dois ficaram a sorrir enquanto finalizavam o que restava nas taças do delicioso e aveludado vinho bordô produzido na Serra Gaúcha.

55

Caminhando lado a lado pela noite porto-alegrense em direção ao hotel, com as mãos nos bolsos confortáveis dos casacos, o casal tentava disfarçar o leve estado ébrio, efeito do teor alcoólico do vinho. Vez ou outra os ombros se esbarravam, gerando sorrisos e trocas de olhares prolongados.

Num determinado trecho, longe das observações alheias, Gabriel subitamente e sem dizer palavra alguma, pegou Amanda pelo braço e a puxou ao seu encontro. Seus corpos se tocaram em meio a sensações arrepiantes. Preliminarmente, ele sem tirar os olhos dos lábios dela, tirou seus óculos e lhe acariciou os cabelos; ela passou as mãos delicadas no queixo dele, enquanto os rostos se aproximavam como imã e metal, resultando num beijo apaixonado, que ficava cada vez mais frenético.

Logo seguiram de mãos dadas, ofegantes e apressados, rumo à suíte, que em questão de instantes convertera-se num cenário de amor e prazer embriagado, na sua mais plena forma e espontânea.

O dia começou ensolarado, favorecendo a continuidade da viagem rumo ao Uruguai. O caminho era longo.

Chegaram ao município fronteiriço de Santana do Livramento. Apenas uma avenida limitava o Brasil com a cidade uruguaia de Rivera, o verdadeiro paraíso dos sacoleiros, com centenas de *free shops* de produtos importados comercializados em dólar, e onde se fala o “portunhol”.



Rivera (Fronteira Brasil-Uruguai) - Fonte: flickr.com

A entrada da cidade era tranquila, porém à medida que percorriam as ruas da área comercial, ficavam impressionados com a quantidade de pessoas que iam e vinham entre uma loja e outra. De repente, Amanda percebeu que a procura seria mais difícil do que imaginara.

– Nem sei por onde começar! – Ela falou. – Já fiz uma busca na *Internet* por uma referência à *Casa Navarro*, mas não encontrei nada, apenas reencaminhamentos para coisas que não têm a ver com antiga loja que era da família de meu pai.

– Quem sabe encontramos algum anúncio na lista telefônica ou em algum jornal local? Se a loja ainda existir, é claro!

– É, quem sabe. Onde encontrar? Temos que buscar alguma referência!

– Que tal perguntando aos moradores locais?

Gabriel estacionou o carro próximo a uma praça ampla, com pouco movimento, por onde caminhava um grupo de idosas que havia saído de uma igreja.

– Com licença! – Disse o rapaz de cabelos castanhos, acompanhado por uma mulher de óculos.

Logo elas notaram serem brasileiros, pela chapa do veículo.

Gabriel achou que seria mais prático ir direto ao objetivo.

– As senhoras, por acaso, conhecem um antigo comércio chamado *Casa Navarro*?

As mulheres se entreolharam com cara de dúvida. Algumas logo demonstravam não saber. No entanto, uma delas deu um passo à frente.

– Vocês procuram por algo em especial? – Ela perguntou.

– Na verdade, estamos procurando a família proprietária da loja, em especial um homem de nome Arthur, que morou no Brasil muitos anos atrás. Precisamos encontrá-lo! – Ele explicou.

A idosa fitou-os por alguns instantes.

– Sei de alguém que pode ajudar vocês. Mas antes, deem-me licença, pois eu preciso dar um telefonema.

Gabriel e Amanda se olharam esperançosos.

Alguns minutos se passaram. A idosa, após ter se afastado e conversado com alguém ao telefone celular, num portunhol sussurrado, encerrou a ligação e se reaproximou.

– Se vocês quiserem, posso levá-los até lá, desde que me deem uma carona até em casa. Essa dor nas costas está me matando!

Dentro do carro, Gabriel e Amanda se deram as mãos antes dele girar a ignição. Atrás, a idosa procurava se acomodar.

– Vocês são conhecidos da família? – Ela indagou. – Nem preciso perguntar se são brasileiros.

Amanda se adiantou, dando um sorriso de simpatia.

– Não, senhora. Queremos encontrar Arthur, porque precisamos conversar sobre coisas importantes do passado dele no Brasil.

A mulher ficou ainda mais curiosa.

– São da Polícia?

Eles riram.

– Fique tranquila. – Disse o rapaz – Sou jornalista e ela, psicóloga. Estamos em missão de paz.

– Ah... – A idosa ficou em silêncio, enquanto digitava um SMS para a pessoa com quem os brasileiros se encontrariam, para repassar mais informações.

– Pode encostar ali! – A mulher apontou para um grande portão.

– A pessoa está esperando na capela!

O casal ficou apreensivo ao olhar para a direção em que a idosa indicava. Ali havia um extenso e movimentado cemitério, já que se aproximava o Dia dos Mortos. No final da passarela de entrada do campo santo via-se uma pequena edificação encimada por uma cruz cristã. Subitamente, uma leve frustração engoliu suas esperanças.

– E quanto à senhora? – Disse Amanda.

– Não se preocupem comigo! Eu fico por aqui mesmo. Moro aqui próximo.

O casal se juntou a ela.

– Ficamos muito agradecidos pela sua ajuda! Saiba que foi importante para nós!

– Ah, não precisa agradecer.

Despediram-se.

– A propósito, como a senhora se chama?

– Graciela.

– *Muchas gracias*, dona Graciela. Meu nome é Amanda e este é Gabriel.

Dentro do cemitério, o casal caminhava solenemente em direção à porta aberta da capela mortuária.

Entraram. O espaço estava vazio.

De uma saleta lateral, surgiu um homem baixo, indo ao encontro deles; estava vestido com calças escuras e casaco marrom, aparentando ter idade em torno de setenta e poucos anos. Amanda ficou estática.

– *Buenos dias!* Sou o diretor da necrópole. Vocês devem ser as pessoas que procuram informações sobre os Navarro?!

Aquelas palavras e aquele lugar deram a entender que as chances de encontrar Arthur vivo seriam cada vez mais remotas.

– Queremos saber sobre Arthur Navarro! – Disse Gabriel ao apertar a mão dele.

O homem meneou com a cabeça.

– Creio que ele esteja aqui neste cemitério.

Amanda se entristeceu. Sentiu um aperto no peito e um nó na garganta. Os olhos ficaram marejados. Ela olhou para o lado, silenciosa, para que o homem não notasse sua angústia. Mas ele observou seu comportamento.

– Você o conhecia? – O diretor perguntou.

Ela ficou sem palavras.

– Ela é filha dele! – Afirmou Gabriel.

O homem denotou estranheza.

– Não sabia que Arthur tinha uma filha!

– Sim! Eu sou filha dele! – Amanda se manifestou, com a voz frágil.

– Mas de onde você veio? Quem é a sua mãe?

– Sou brasileira. Minha mãe se chama Catarina Veiga! – Ela respondeu, secamente.

O diretor ficou atônito.

– Catarina?!

Gabriel interveio.

– Eles tiveram um romance na juventude. Mas foram separados pela repressão da ditadura brasileira. Arthur fugiu sem saber que ela havia ficado grávida.

– Mas, pelo que sei, Catarina foi morta!

– Não! Minha mãe está viva! Eles foram vítimas de uma farsa dos militares!

– Catarina... Viva?

De repente, o homem levou as mãos à cabeça, demonstrando que uma agonia tomava conta dele.

– O senhor está bem? – Perguntou Gabriel.

O homem suspirou, dando a nítida impressão de que ficara transtornado com a informação, deixando o casal ainda mais confuso.

Ele olhou para Amanda, emocionado.

– Você é minha filha?!

Amanda ficou atônita.

– Pai?!

– Sim. Eu sou Arthur!

Os dois se abraçaram forte.

Deixaram o cemitério, com um diálogo empolgado em andamento, para que as partes satisfizessem o desejo de compreensão do que se passava. O trio seguiu de carro até uma residência que ficava nas proximidades, anexada a uma loja azulejada, de aspecto tradicional, que tinha na fachada o letreiro *Casa Navarro*. No trajeto, Arthur falava animado ao telefone, relatando o ocorrido e avisando que teriam uma visita especial.

Na porta, para espanto de Amanda e Gabriel, foram recepcionados pela mesma mulher que os tinha guiado até o cemitério que Arthur jamais administrou. Fingiu ser o diretor apenas por estratégia. Encontrava-se lá naquele dia por ter ido visitar o túmulo de familiares.

– Esta é minha irmã, Graciela! – Ele disse ao casal.

– Já nos conhecemos, há pouco. – A idosa informou.

– Amanda é filha de Catarina e neta de Alice Lehart.

A mulher acariciou o rosto dela.

– Sua avó foi minha professora.

– Então era você a aluna presa junto com ela, na época do seu desaparecimento...

– Sim, sou eu, minha filha. Nós sofremos muito na mão daqueles imundos. Até hoje sinto repulsa quando lembro os abusos que sofri por um daqueles elementos que se valia do poder que tinha para praticar suas perversões.

Gabriel tomou a frente.

– Mas hoje temos a oportunidade de investigar esse passado e elucidar fatos que ficaram dispersos no tempo, causando sofrimento a várias gerações. – Argumentou.

Arthur baixou o olhar.

– Houve um tempo em que eu quis muito fazer justiça e combater de frente as truculências absurdas que ocorriam no Brasil, me aliando aos revolucionários, como Armando Veiga e Salomão Weber, ambos mortos no Araguaia. Mas depois de tudo o que aconteceu, principalmente quando achei que tinha perdido Catarina, eu decidi sobreviver e me afastar de tudo aquilo, voltando para o Uruguai e recomeçando a vida.

– Minha mãe está ansiosa por notícias suas, no Brasil. – Disse Amanda.

– Catarina... – Os olhos de Arthur brilharam. – Verdade? Gostaria tanto de vê-la novamente!

– E por que não? O que estamos esperando? – Disse Gabriel – Além do mais, há alguém junto de dona Catarina que deseja muito falar com o senhor.

– Quem?

– Alguém que era conhecido como Samango!

Arthur arregalou os olhos.

– O Samango?

– Sim. Eu sou filho dele.

– Foi ele quem me ajudou a fugir!

– Também foi ele quem salvou minha mãe! – Complementou Amanda.

Arthur ficou reflexivo.

– Nós só nos conhecemos durante a fuga. – Informou Arthur – Era uma situação tão desesperadora que sequer chegamos a conversar, pois ele se entregou pra me proteger. Tem tanta coisa que eu nunca compreendo... O que aconteceu com ele?

– É uma longa história... Hoje ele está debilitado, e tem que falar com o senhor.

– Quem sabe ele tenha obtido alguma indicação sobre quem era o cachorro traidor que eu assisti assassinando Armando e que nos delatou aos militares.

- - -

Após um dia inteiro de conversas e mais conversas, Gabriel e Amanda relataram minuciosamente a Arthur e à irmã dele tudo o que havia acontecido e o que tinham ouvido nos últimos dias.

Nas conclusões, decidiram que partiriam para o Brasil na manhã seguinte, ficando a loja dos Navarro sob a responsabilidade do marido e do filho de Graciela.

Arthur e a irmã eram muito ligados, tanto que ele se acostumou a manter-se na solteirice, compartilhando com ela a grande residência e os negócios herdados dos pais falecidos.

61

Era outro dia em Rivera. Enquanto centenas de sacoleiros entravam na cidade e perambulavam pelo centro de compras, Gabriel, Amanda, Arthur e Graciela tomavam o rumo da saída. Tinham uma viagem longa pela frente, em regresso a São Paulo. De repente, imaginar as visões que teria do asfalto se afunilando a perder de vista no horizonte fez com que Gabriel desejasse ter vindo com Amanda de avião. Porém, o pernoite em Porto Alegre serviu para que os dois se descobrissem como amantes e dessem início a promissora relação. Ele até já se via como um pai em potencial de Arthurzinho.

– Engraçado – disse Amanda – Nesta cidade nem parece que saímos do Brasil. Aqui as culturas dos dois países estão entrelaçadas.

– Sim. Rivera e Santana do Livramento são como gêmeas siamesas. – Observou Graciela – Aliás, na época da repressão militar brasileira, Rivera foi abrigo para muitos exilados políticos, inclusive alguns famosos, como Leonel Brizola. Na ocasião, o governo brasileiro, através do Centro de Informações do Exterior, ou CIEEx, mandou para cá vários espiões para monitorar os brasileiros que atravessavam a fronteira e mantinham contato com os exilados, recebendo orientações para atuarem no que os militares chamavam de “ameaça comunista”.

Em compensação à árdua tarefa de dirigir por horas e horas, Arthur se oferecera para entrar na alternância do volante. Assim, seguiriam até São Paulo sem escalas.

62

Amália estava cumprindo afazeres do cotidiano doméstico, enquanto Catarina cuidava do asseio de Arthurzinho, sendo assistida com admiração pelo idoso cadeirante, da área da ampla varanda, onde havia uma mesa de madeira maciça, geralmente utilizada como lugar sagrado dos cafés e chás de todas as manhãs e fins de tarde.

Magno, que ultimamente vivia entregue às deteriorações da doença de Parkinson, abatido e recolhido sobre a cama, num quarto sem vida, mais parecendo uma enfermaria, agora se sentia revigorado. Sabia que não teria vida longa, mas certamente, quando o último momento chegasse, estaria em paz com a própria consciência.

De repente, um telefone começou a tocar.

– Amália! Seu celular! – Gritou Catarina.

A mulher largou o que estava fazendo e correu para atender.

– Mãe... – disse a voz do outro lado da linha – Prepare um belo almoço, que estamos chegando com boas novidades!

63

A chegada ao sítio *Bonança* foi anunciada por buzinas que Gabriel dava para confirmar o sucesso de mais uma etapa da missão de promover um legítimo encontro de gerações.

As quatro portas do *Weekend* se abriram e de lá saíram dois homens e duas mulheres. Assistindo aquilo, Catarina, apesar de quatro décadas depois do envolvimento com Arthur, logo cogitou ser ele o homem baixo e moreno entre os que caminhavam em direção à casa, e ficou meio que enciumada ao ver uma mulher desconhecida na companhia dele.

Enquanto Amanda matava a saudade do filho, Gabriel fez as apresentações, diante do velho barbudo sobre a cadeira de rodas:

– Pai, estes são o Sr. Arthur e a irmã dele, dona Graciela.

Nesse momento, Catarina, estática e pálida, até que gostou de ouvir aquilo.

Arthur se curvou para abraçar Magno.

– Obrigado pelo que você fez por mim!

– Faria de novo se fosse preciso! – Respondeu o idoso, humildemente.

Ao se afastarem, Graciela se aproximou para também cumprimentá-lo.

Enquanto isso, Arthur e Catarina ficaram à parte, frente a frente, imóveis e silenciosos, estudando um ao outro, procurando pelos traços físicos que o tempo havia preservado e outros que foram se modificando com a avançar da idade. O resto do mundo havia desaparecido.

Quase ao mesmo tempo, os dois foram esboçando um sorriso, ao passo que seus olhos se avermelhavam, até inspirarem fundo e se lançarem a um abraço que se prolongou por segundos eternos.

64

Um clima de fraternidade se estabelecia em torno da grande mesa retangular.

– Quer dizer que este aqui é meu neto?! E tem o nome do vovô? – Arthur se referiu ao dengoso filhinho de Amanda, e ela confirmou com um semblante de felicidade.

A ocasião sugeria comemoração, embora todos soubessem que o teor da reunião ainda giraria em torno de assuntos que remetiam a sofrimento e dor.

Os esclarecimentos tinham vindo à tona até certo ponto, mas Magno Fontenelle precisava da presença de todas aquelas pessoas para revelar o que ainda faltava. E sabia que o que tinha para falar causaria um choque coletivo.

– O que aconteceu depois que o senhor me deixou fugir e se entregou aos militares? – Arthur perguntou a ele, recapitulando a fuga do DOI-CODI, arquitetada pelo homem a quem conhecia apenas pelo codinome de Samango.

– Como você pode imaginar, eu fui preso. Mas não fui levado para o DOI-CODI. Eles preferiram me trazer para cá, onde funcionava um centro clandestino de torturas.

– Os militares se apossaram compulsoriamente deste sítio, que era do meu pai! – Constatou Catarina.

– Eu sei disso! – Disse Magno – Mas para o regime daquela época o subversivo era o seu pai. Os comunistas eram vistos como criminosos, terroristas. Por isso, os militares não mediam consequências para combatê-los, exterminá-los e até se apossar dos seus bens, muitas vezes usados para recompensar pessoas que colaboravam com eles.

– Mas diga... O que eles fizeram com você?

Antes de prosseguir, o idoso baixou os olhos e juntou as mãos ao rosto, deslizando-as para baixo até juntá-las sob a barba grisalha, enquanto soltava um suspiro.

– Quando cheguei, eles já tinham descoberto a farsa que eu armei para simular a morte de Catarina, pois no dia seguinte à fuga dela, eles procuraram o corpo para dar sumiço e não encontraram nada. Primeiro, enfiaram um capuz fedido na minha cabeça, tiraram minhas roupas e me amarraram pendurado pelos pés num dos galhos daquele jambeiro, aplicando-me socos, chutes e lambadas com cipó, até minha costa ficar em carne viva. Depois, fui arrastado para dentro do celeiro e me jogaram às escuras, escada abaixo, e eu fui parar no porão subterrâneo! – Apontou na direção do casebre abandonado no meio do mato.

– Que coisa horrível! – Exclamou Amália.

– Dentro daquele cativeiro havia uma barra de ferro apoiada em cavaletes, que era um instrumento de tortura chamado de pau-de-arara, onde eu fui pendurado nu pelas dobras das pernas e com as mãos em volta delas, suportando naquela posição incômoda e humilhante, todo o peso do meu corpo. Daí, me aplicaram mais

golpes até que alguém jogou sobre mim um balde cheio d'água. O líquido encharcou a capuz e penetrou minhas narinas. Eu me sufoquei, sem poder usar as mãos. As feridas ardiam... Após alguns instantes de xingamentos e zombarias, mais um balde. Tudo ficou silencioso. Parecia que os homens tinham ido embora. Senti até um certo alívio, ao mesmo tempo aterrorizado por aquela estranha calma. De repente, ouvi passos de uma única pessoa, que se aproximou e parou diante de mim. Meu coração só faltava explodir. Eu já estava esgotado, disposto a morrer. O capuz foi arrancado! De cabeça para baixo, eu tentava encarar o homem com botas de borracha que estava sozinho ali comigo, mas a penumbra escondia o seu rosto. Então ele falou:

– Finalmente encontrei você... Samango! – A voz era grave e demoníaca.

– Quem é você? Mostre a cara, seu covarde! – Vociferei.

– Apenas alguém que o procura há muito tempo! – Ele soltava as palavras com sarcasmo.

– Quer me matar? Então me mate de uma vez!

Ele riu.

– Calma! Calma! Depois de eu ter matado tantos outros por causa de você, acha que vai assim, tão fácil?

Eu fiquei abismado, ainda mais quando ele pegou uma vara de metal, que tinha um cabo de madeira, e começou a prender a ela conectores elétricos da ponta de fios extensos que vinham de uma chave fixada à parede.

– Do que você está falando?

Ele agia com frieza, com um tom maquiavélico.

– A começar por aquela professora, mulher de Armando Veiga!

– Então foi você quem deu sumiço à minha irmã?

– Ah, ela era sua irmã? Que coincidência! E ainda me diverti com a aluninha estrangeira que estava com ela!

Nessa hora, Graciela sentiu-se envergonhada, enquanto os demais a encaravam compadecidos. Arthur apertava sua mão, em sinal de apoio.

Catarina estava compenetrada, ouvindo o relato do triste destino de sua mãe Alice Lehart.

– Seu pervertido!

– Esse foi só o primeiro passo, – disse o carrasco – até que eu me infiltrasse entre os comunistas e matasse Armando com as minhas próprias mãos.

Arthur ficou atônito.

– Era ele! – Disse – Eu assisti a execução de Armando no Araguaia. Enquanto eu estava escondido entre as raízes, desarmado, vi quando um homem com capa de chuva e capuz chegou entre os militares e iniciou o fuzilamento, mas não pude reconhecê-lo!

– Coitado do meu pai! – Lastimou Catarina.

– Diante disso, - Magno prosseguiu – fiquei furioso, gritando palavrões e me agitando no pau-de-arara, que virou com tudo, provocando estardalhaço e fazendo os soldados de prontidão correrem para me conter. Amarraram-me todo. Fiquei caído no chão molhado. Olhei para cima e finalmente vi pela primeira vez o rosto do carrasco que me torturava, ainda com a vareta nas mãos. Deduzi que ele não era um militar; não estava fardado. Eu me debatia. Foi então que ele acionou a chave e encostou a vareta eletrificada na região das minhas costelas. Tive convulsões tão fortes que mordi a minha língua. Após uma breve pausa, ele me cutucou de novo, no sovaco. Quase desmaiei de dor. Chorava, não para que parassem. Eu só queria morrer rápido. Mas ele era impiedoso. Para finalizar a sessão de choques, ele mirou minha região genital e aplicou mais uma estocada. A descarga foi tão violenta que provocou queimaduras. Eu já estava nas últimas, apenas murmurando gemidos e babando no chão. Então ele resolveu encerrar com um chute de bico no meu rosto. A ponta rígida da bota atingiu o meu olho esquerdo e rompeu minha visão. Apaguei!

– **Então isso quer dizer** que as atrocidades que se abateram sobre todos nós foram obra da mesma pessoa? – Questionou Arthur.

– Sim! – Disse Magno – Um colaborador do CIE infiltrado entre os comunistas ligados a Armando e a mim.

Infelizmente, – continuou – durante um longo tempo eu não tive como fazer nada. Depois da tortura no sítio, fui julgado por um tribunal militar, sentenciado como traidor e preso. Vivi no inferno durante sete anos, me recuperando sozinho das lesões físicas, dos traumas emocionais, e ainda cego de um olho. Mas, graças a Deus e ao clamor insistente do povo, veio a Lei da Anistia, em 79, e eu fui libertado, em 1980. Embora os tempos fossem outros e houvesse ocorrido alguns avanços no âmbito democrático, o Brasil ainda estava vivendo sob a ditadura. Por isso, eu tinha que ser muito cuidadoso para por em prática o objetivo que me manteve vivo durante os sete anos que passei na prisão: me vingar daquele homem e reunir as pessoas cujas vidas foram destroçadas por ele. E aqui estamos nós, juntos e em paz!

– **E quanto ao sujeito** que lhe torturou? – Inquiriu Arthur.

– Bem... Depois de ganhar a liberdade, apesar de ficar meio paranóico, olhando para todos os rostos que eu via na rua, na busca por reconhecê-lo, tinha também que refazer a minha vida. A princípio, como eu não podia mais exercer a

atividade policial, saí à procura de trabalho. Foi um pouco difícil, ainda mais sem enxergar de uma vista. Mas consegui admissão como auxiliar mecânico numa oficina automotiva em São Paulo, na área urbana da Rodovia Fernão Dias. Num fim de tarde, enquanto eu estava deitado na esteira, por baixo do carro de um cliente que o havia deixado para reparos no motor, durante a minha saída do almoço, deparei com uma situação que me deixou sobressaltado. O dono do carro tinha chegado e vistoriava a finalização do serviço.

– Ainda falta muito? – Ele falou.

Nesse momento, meu coração acelerou, entrei num estado de nervosismo, ao ouvir aquela voz grave.

– Sim! – Respondi do chão, enquanto eu tentava avistar o rosto dele por entre as frestas dos componentes do motor. Então ele se curvou para olhar mais de perto alguns detalhes do trabalho já realizado dentro do capô aberto. Eu pude vê-lo, com clareza, e reconheci aquele rosto que tanto tinha me aterrorizado sete anos antes.

– E o que o senhor fez? – Disse Gabriel.

– Senti meu sangue ferver, mas ao mesmo tempo, eu fazia um grande esforço para me controlar. Precisava me conter e agir com estratégia, afinal como ex-delegado federal, eu ainda tinha instinto e técnica. Quando ele se afastou, para acertar o pagamento na gerência, saí de baixo do carro e pedi para um colega finalizar, alegando que eu não estava me sentindo bem. Do lado de fora da oficina, entrei num táxi e pedi para o motorista aguardar até que o cliente saísse dirigindo o próprio veículo já consertado.

- Ele saiu! Siga aquele carro!

O carro tomou a rodovia no sentido Minas. – Continuou Magno – Algo me dizia que eu já sabia para onde ele estava indo. Após certa distância percorrida, o veículo da frente deu sinal que ia dobrar à direita. Eu conhecia muito bem aquele trecho e sabia aonde aquela estradinha de terra ia parar!

- Eu fico aqui mesmo! – Falei ao taxista, indicando o acostamento.

Esperei anoitecer e parti para a ação! Cheguei até a porteira do sítio e avistei o carro parado em frente à casa. Estava escuro. Pulei o portão e me esgueirei por entre as plantas do jardim. Vi uma janela aberta e pensei em espiar para dentro da casa. Levei um susto quando ouvi latidos e o barulho de uma porta se abrindo nos fundos. Agachei. Ele saiu para dar comida aos cães, acorrentados próximo ao celeiro. Olhei para o alicerce de pedras e vi uma delas solta. Tive uma ideia providencial. Fiquei esperando a volta dele, escondido próximo à porta. Quando ele voltava para entrar na casa, sequer teve chance de reagir, desmaiando na hora com a pedrada desferida no meio da cara. Rapidamente, arrastei-o desacordado para trás das plantas e entrei sorrateiro na casa, para averiguar se havia mais alguém. Constatei que estávamos completamente a sós.

Perfeito!

Tirei as roupas dele, peguei uma corda e o amarrei bem apertado, com as mãos para trás e, com a sua camisa, cobri o rosto desfigurado e ensanguentado, dando um nó atrás da cabeça. Imbuído da ânsia louca por vingança, liberei a minha fúria: peguei forte pelos cabelos dele e o arrastei pelo terreno gramado até o celeiro, enquanto ele despertava confuso e gemendo de dor. Os cães latiam sem parar. Mas o local era isolado.

– O que você está fazendo? – Ele vociferou, desesperado.

– Cale a boca!

Cheguei ao celeiro e arrombei a porta a chutes. Entrei, puxando-o com violência pela corda e o arremessei escada abaixo, como se joga um saco de lixo! – Magno relatava aquilo com uma expressão jamais vista por Gabriel e Amália.

Quando desci, ele chorava como um covarde, suplicando por piedade. Tinha fraturado a clavícula e um dos braços. Tirei o pano do rosto dele. Ele olhou para mim assombrado.

– Você?

– Gostou de me ver novamente? Só que, desta vez, estamos em posições inversas.

– Quer me matar? Então faça de uma vez!

– Opa! Da última vez que nos vimos, falei o mesmo, mas você não me atendeu. Então vou lhe retribuir o mesmo tratamento!

Ele se debateu e grunhiu como um porco no abatedouro.

68

– **Sofri com pesadelos**, – considerou Arthur – desde aquela época, sempre imaginando que, se eu tivesse a oportunidade de descobrir quem era esse traidor, daria a ele o mesmo tipo de castigo.

– Mas não pense que foi fácil pra mim! – Observou Magno – Durante anos eu convivi com os gritos dele na minha mente. Agi como um torturador da ditadura!

– Mas com uma grande diferença: – contestou Arthur – na ditadura, se torturava pessoas de bem, que lutavam por cidadania digna. No seu caso, você puniu um criminoso, psicopata e sem alma, que tirou a vida de sua irmã Alice e de Armando, sem contar outras perversidades, como o abuso contra Graciela, a tortura sobre você e, quem sabe, até a morte de Salomão no Araguaia!

69

– **E se eu lhe disser** que Salomão Weber não morreu?

– Como não? – Protestou Arthur – Os militares o encurralaram ainda dentro da casa em que nos escondíamos!

– Como isso aconteceu? Você viu ele ser morto? – Indagou o idoso.

– Os *homens* descobriram o barraco em que estávamos alojados. Nem se anunciaram. Entraram quebrando tudo e atirando para todos os lados. O dono da casa foi alvejado. Armando e eu conseguimos fugir para a mata. Nós nos separamos. Eu corri desesperado, sem rumo. Não via nada na minha frente. Ao longe eu escutava tiros. Tudo o que eu precisava era correr, perdido, sem saber aonde eu chegaria. Até que... eu caí. Não aguentava mais. Foi então que ouvi vozes. Rastejei na lama e me escondi entre as raízes de uma Samaumeira, para ver o que era. Avistei Armando sendo imobilizado pelos soldados e, depois de ser torturado, foi morto por um homem encapuzado, que chegou depois... – Arthur não comentou mais detalhes, para poupar Catarina.

Ela estava pálida, especulando sobre o que Magno dissera.

– Então o que aconteceu com Salomão? – Ela soltou a pergunta.

Magno a encarou, depois a Arthur.

– Salomão era o traidor!

Aquela revelação soava como um soco no estômago.

– Ele foi o informante dos militares, responsável por tudo de ruim que vivemos! – Acrescentou.

As pessoas ali presentes permaneciam boquiabertas. Sem perder o ritmo, Magno retomou o relato.

– Na época em que ele se infiltrou entre nós, eu o conhecia apenas por nome. – Informou.

– Como descobriu que era ele? – Inquiriu Gabriel.

– Enquanto o mantinha amarrado no cativado, fui até o carro dele, com a intenção de procurar por documentos que o identificassem. Lá, eu achei a Carteira de Motorista dele. Visualizei a foto junto do nome Salomão Weber, embora na fotografia, meio antiga, ele aparecesse usando barba, bem diferente da aparência que tinha assumido posteriormente. Quando voltei ao porão, tratei de dar logo um fim nele. Enterrei seu corpo no pequeno compartimento secreto, no subsolo do porão, que Armando havia projetado para esconder armas. E lá ele permanece, até hoje.

– Por isso o senhor não me deixava entrar no celeiro abandonado? – Perguntou Gabriel.

– Sim, meu filho. Eu não queria que você encontrasse aqueles instrumentos horríveis, que continuam apodrecendo, junto com o corpo de Salomão, lá dentro!

– Compreendo! – Assentiu o rapaz.

- **Daí por diante**, eu deixei a barba crescer, para ficar bem parecido com o Salomão Weber da foto e poder me apossar da vida e dos bens dele. Aliás, fuçando entre os pertences de Salomão, descobri que ele realmente não era um militar, e sim, um bajulador, disposto a fazer qualquer coisa para obter algum privilégio ou gratificação. E pelos serviços prestados ao governo, na ditadura, ele recebeu como recompensa este sítio, tomado de Armando Veiga pelos militares, além de carro e dinheiro. Mas a ditadura acabou, e ele foi esquecido aqui; por isso, graças a Deus, eu nunca fui incomodado, sempre vivendo como se fosse ele, sozinho, neste sítio, com os cães, que foram renovando as gerações enquanto eu adoecia, até o dia em que Amália e Gabriel vieram morar comigo e reacenderam em mim a expectativa por dias melhores. Então dei a este lugar o nome de “Sítio Bonança”, como uma mensagem de esperança, pela felicidade de ter de volta pessoas tão especiais. Agora, eu posso morrer em paz, vendo o sorriso de volta nos rostos de vocês!

Epílogo

Munido de uma tocha embebida em querosene, Gabriel, sob a observação cerimoniosa de vários olhares, caminhou com austeridade e atravessou o terreno gramado. Parou e olhou para trás, erguendo o bastão de fogo.

Voltou a atenção para os arredores da construção arruinada diante dele, de onde os cães haviam sido removidos. O mato em volta do celeiro estava alto e ressecado.

Arthur saiu de lá, jogando para trás o recipiente vazio, cujo conteúdo inflamável acabara de salpicar por todo o entorno.

– Faça você! – Gabriel lhe entregou a tocha acesa.

Arthur recebeu o objeto e respirou fundo.

Em seguida, arremessou o pedaço de madeira em chamas para frente e se afastou.

Os dois deram as costas para o celeiro incendiado e se juntaram aos outros espectadores, que rodeavam o homem idoso sobre a cadeira de rodas. Após muitos anos, ele havia se barbeado e voltava a viver sua identidade real.

Gabriel pegou a câmera das mãos de Amanda e a posicionou no tripé, de modo a enquadrar a cena simbólica que mostrava várias pessoas assistindo ao antigo calabouço de tortura se desfazendo entre labaredas. Ele acionou o temporizador automático e correu para se incluir na pose.

O obturador disparou e todos voltaram a se mover.

– Que esse passado ruim seja apenas uma lembrança esfumaçada, como cinzas a se desfazerem no vento! – Proferiu o velho cadeirante.

– Esse lugar só representava dor! – Comentou Amanda, com o filho no colo, abraçada pelo pai e pela mãe.

– É verdade... – Concluiu Catarina, sorrindo – Mas também serviu como cenário para uma história de amor. Afinal, foi lá que Arthur e eu fizemos você!

- Fim -

FONTES CONSULTADAS:

- BELÉM, Marco Aurélio Gouveia Furtado; *A Vigia que eu Vivi – reminiscências de um tempo que jamais voltará*. Belém-Fortaleza: Premius, 2011.
- VELARDE, Jaime Cuéllar; *No Crepúsculo: Memórias Subversivas da Ditadura Civil-Militar na Amazônia Paraense (1964-85)*; Dissertação de Mestrado apresentado à Universidade da Amazônia, como requisito para a Conclusão do Curso de Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura. Belém – PA, 2012.
- <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2011/08/poroes-da-ditadura-sitio-da-tortura.html>
- <http://pt.wikipedia.org>
- <http://www.flickr.com/>
- <http://www.espacoturismo.com>
- <http://oglobo.globo.com/>